

PADARIA ESPIRITUAL

BISCOITO FINO E TRAVOSO



Gleudson Passos Cardoso

Coleção Outras Histórias

Coordenação: Francisco Régis Lopes Ramos
Conselho Editorial: Adelaide Gonçalves (UFC),
Berenice Abreu (UECE),
Edilberto Reis (FECLESC-UECE),
Jerusa Pires Ferreira (PUC-SP),
Josiane Roza de Oliveira (UNOCHAPECÓ)

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- 28- Museu Histórico do Ceará:
a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)
Cristina Rodrigues Holanda
- 29- Tramas da cultura: comunicação e tradição
Gimar de Carvalho
- 30- Violência
Rodolfo Teófilo
- 31- Entre o futuro e o passado: Aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850)
Antonio Otaviano Vieira Jr.
- 32- Trem da seca: Sertanejos, retirantes e operários (1877-1880)
Tyrone Apollo Pontes Cândido
- 33- Coisas do amor: Memórias de uma exposição no Museu do Ceará
Kênia Sousa Rios
- 34- As flores raras do jardim do poeta
Giselle Venâncio
- 35- Perfis sertanejos: Costumes do Ceará
José Carvalho
- 36- Os monumentos do estado do Ceará: referência histórico-descritiva
Eusébio de Sousa

Gleudson Passos Cardoso

**PADARIA ESPIRITUAL
BISCOITO FINO E TRAVOSO**

2ª edição

Fortaleza - 2006
Museu do Ceará
Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Museu do Ceará

Diretor: Francisco Régis Lopes Ramos

Associação Amigos do Museu do Ceará

Presidente: Maria Teresinha Feijó Machado

Projeto Gráfico e Capa: Museu do Ceará / Expressão Gráfica (Larri Pereira)

Fotografia da Capa: Primeira fase da Padaria Espiritual (1892)

Revisão: Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho

Revisão da Edição: Kenyo Silva Araújo

Dados de Catalogação Internacional na Publicação (CIP)

C268p Cardoso, Gleudson Passos. Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

96 p. (Coleção Outras Histórias, 8)

1. Literatura brasileira - História e crítica - Ceará.
2. Literatura brasileira - séc. XIX. 3. Padaria Espiritual
4. Ceará - História - séc. XIX. I. Título. II. Série

ISBN: 85-88828-39-1 CDD: B869.09
CDU: 869.09-4 (813.1)

Apoio:

Associação Amigos do Museu do Ceará
Departamento de História - UFC



SUMÁRIO

Apresentação (Gilmar de Carvalho)	07
A Sala “Letras e Artes” no Museu do Ceará	10
No tempo da Padaria Espiritual	16
A “República do Povo”: por quem eram os padeiros	34
Antônio Sales ou um certo “Moacir Jurema”	50
Nephelibatas, decadistas e malditos na literatura menor do Ceará	62
Imprensa e cotidiano em Fortaleza	72
Notas	74
Anexo	81
Fontes	82
Bibliografia	85

APRESENTAÇÃO

Gilmar de Carvalho

Uma das surpresas da pesquisa é seu caráter caleidoscópico. Como se mudássemos o ângulo e outros aspectos se nos revelassem.

É essa multiplicidade de enfoques, a possibilidade do contraditório e a riqueza das leituras que levam à continuidade das buscas, à arqueologia dos saberes e fazeres.

Uma certeza podemos ter: não existe o texto definitivo ou a versão única.

O caso da Padaria Espiritual é exemplar. Ignorada pela história da literatura brasileira, por estar na periferia e longe dos centros hegemônicos, esperou muitos anos até que Sânzio de Azevedo, com sua tese de doutorado, nos revelasse algo além das páginas impressionistas ou memorialistas sobre este movimento.

Depois vieram outros trabalhos, como a dissertação de mestrado de Regina Fiúza e as monografias de bacharelado de Cláudia Albuquerque e Eleuda de Carvalho.

Ainda há muito a ser dito sobre este grupo irreverente, incomodado com a morrinha provinciana, que sacudiu Fortaleza, no final do século XIX.

Estava se constituindo a capital, como tão bem mostrou Auxiliadora Lemenhe em *As razões de uma cidade*. Não tínhamos fausto, igrejas barrocas nem palácios. Fortaleza pousava sobre o areal, já dizia Koster. Aracati era o grande centro de influência. E em um determinado momento a Loura passou a ser preparada para deixar de ser vila.

A Padaria Espiritual vai representar a emergência das camadas médias, posterior aos Outeiros e à Academia Francesa, tendo como racha o Centro Literário.

Escrever era participar. Literatura e jornalismo estavam tão imbricados que não dava para separá-los. As carreiras políticas passavam por essa militância. Não foi à toa que a Padaria Espiritual criou um jornal (*O Pão*) e não uma revista.

Gleudson Passos mergulha nessas refregas, vai buscar a gênese desses movimentos literários e reconstitui uma trajetória sobre a qual incidem novos focos de luz. Ele fala da tensão. A mesma que levou à ruptura de Adolfo Caminha com Antônio Sales, pólos antípodas desta fornada.

Saímos da leitura desse livro, que foi originalmente uma dissertação de mestrado em História Social, na PUC de São Paulo, com um olhar mais crítico e curioso.

Chega a ser comovente o esforço desse grupo em viabilizar suas propostas em uma cidade indiferente e a mistura de símbolos que cerca o movimento: pão, fornalha, com um aspecto meio de sociedade secreta, e um humor que viria a ser a marca (estereotipada) de uma cearensidade.

Os padeiros eram herdeiros de uma tradição que vinha dos enjagados na luta pela libertação dos escravos, dos que fizeram a República e sentiam o peso oligárquico, o que se acentuaria com a ascensão dos Acioly.

O espírito padeiro vai estar presente no episódio cearense da queda do Babaquara (Nogueira Acioly) e na emergência de Franco Rabelo, mas esse é outro capítulo...

O que Gleudson Passos nos mostra é uma Padaria Espiritual antecipadora, com um vigor surpreendente e uma necessidade de interferir que faz que ainda hoje, cento e dez anos depois, estejamos preocupados com seu Programa de Instalação, a algazarra que provocou, e ainda hoje ecoa, na velha rua Formosa, como um alvoroço impregnado da descoberta do mundo na República (velha) das Letras.

A SALA "LETRAS E ARTES" NO MUSEU DO CEARÁ

Manuscritos, tinteiros, penas de metal, escrivatinhas, cigarreiras, fotos e outros velhos objetos... esses vestígios deixados no tempo parecem não ter importância utilitária para a velocidade do nosso cotidiano capitalista. Quando encontrados entre as ruínas de uma dessas casas antigas e abandonadas da nossa cidade, podem ser considerados parte do entulho. Mas, inseridos em um museu, suas referências com a história permitem àqueles que os observam vislumbrar a noção de patrimônio cultural, tornando possível a interpretação das experiências sociais de um lugar ao longo do tempo.

A Sala "Letras e Artes" do Museu do Ceará, por exemplo, abriga esses e outros objetos que testemunham parte maior das atividades científicas e literárias de alguns dos principais intelectuais cearenses. Assim como suas obras, Rodolfo Teófilo, Clóvis Beviláqua, Paulino Nogueira, Capistrano de Abreu, Antônio Bezerra, Rachel de Queiroz falam aos dias atuais sobre suas trajetórias de vida, através das ferramentas de trabalho de outrora; agora peças museológicas. Suas histórias estão habitadas por utopias filosóficas, disputas políticas, debates acirrados entre pontos de

vista e projetos que empenharam no campo das idéias em jornais, pasquins, discursos e livros, a fim de agirem sobre as práticas cotidianas e comportamentos do público leitor nos séculos XIX e XX.

É dessa maneira que pode-se ver a temível pena de João Brígido (1829-1921) no Museu do Ceará, aparentemente tão singela e indefesa. Contudo, entre as décadas de 1850 e 1910, não havia em Fortaleza aquele cidadão público - seja autoridade religiosa, política ou intelectual - que não fosse vitimado pelos discursos inflamados, injúrias e ataques deste pequeno objeto de escrever. Brígido foi um daqueles jornalistas de tipo raro nos dias atuais. Engajado em alguma causa, idealista, incisivo, apaixonado, febril e sarcástico, muitas vezes incompreendido, sempre esteve empenhado em nome da liberdade individual. Liberal exaltado? Talvez. Os jornais em que ele redigiu estamparam legendas como "destinado a sustentar as idéias livres, proteger a causa da justiça e propugnar pela fiel observância dos interesses locais" (*O Araripe*, 1855), ou "Do cidadão a liberdade. Esse celeste thesouro. Não usurpam os mandões. Não se vende a peso de ouro" (*O Sol*, 1876) e ainda "jornal para tudo e para todos" (*Martim Soares*, 1890). Uma das maiores participações deste jornalista foi na campanha "em prol do progresso e da civilização, contra o jugo católico que alimenta a ignorância do povo", conforme se leu nas páginas do jornal maçônico *Fraternidade* (1872). Porém, pouco antes de

apresentar a sua pena, João Brígido foi redator do *Unitário* (este nome será por ele não conseguir fazer aliança com mais ninguém?), inicialmente por volta de 1903 com a feição de um pasquim opositorista - no período áureo da oligarquia de Nogueira Accioly sobre o governo do Ceará - perdurando até 1918 já na forma de jornal.

Outro ilustre intelectual cearense daquele tempo foi Rodolfo Teófilo (1853-1932). Farmacêutico, literato, agente filantrópico de saúde, dentre outros atributos, ele foi um dos intelectuais mais engajados vistos por aqui. Baiano por nascimento, mas cearense por devoção, Rodolfo Teófilo é aquele que se vê nas fotos expostas no museu vacinando os habitantes dos subúrbios de Fortaleza, no Benfica de então, a combater epidemias que já assolavam a capital cearense, como a malária, o cólera e, sobretudo, a varíola. Foi por tal iniciativa que o consideram opositor do governo inerte dos Acciols. Em uma outra foto, também na Sala "Letras e Artes", são observados os objetos do seu gabinete de estudo e trabalho, como os livros e a escrivaninha que se apresentam nesta mesma sala. É bem provável que neste móvel ele tenha se debruçado a escrever, dentre inúmeras obras, livros como *História das secas no Ceará* (1877-1880), *Os brilhantes* (1890), *A fome* (1890), *Libertação do Ceará: a queda da oligarquia acciolina* (1914), *Varíola e vacinação no Ceará* (1904 e 1910) e o *Curso elementar de história natural* (1889), este último quando foi professor da referida disciplina na antiga Escola Normal do Ceará.

Da cigarreira de Antônio Bezerra (1841-1921), pode-se imaginar os diversos ambientes literários e intelectuais em que este objeto acompanhou seu dono. *A Estrela* (1859) provavelmente foi o primeiro órgão crítico e literário em que, juntamente com José Barcelos, Antônio Bezerra ingressou no mundo das letras, ambos ainda estudantes do Liceu do Ceará. Na década de 1880, ele foi eleito uma das "Três Liras d'Abolição", acompanhado de Justiniano de Serpa e Antônio Martins. São desse período seus versos "Avante, pois, que este século / é o século de grande ação, repugna à luz do progresso / a idéia de escravidão" (*O Libertador*, 01/ 01/ 1881) - recitados durante os encontros abolicionistas no Passeio Público e nas sedes das sociedades "Perseverança e Porvir" e "Cearense Libertadora". No final desta década ele ajudaria a fundar o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), bem como a Academia Cearense em 1894 - ano em que foi eleito sócio do Centro Literário e da Padaria Espiritual (nesta, com o heterônimo de "André Carnaúba"). E por falar em Padaria Espiritual, quem não ouviu algo sobre a irreverência de seus membros? Além dos impressos do jornal *O Pão*, a comporem a ambientação no Museu, duas fotos de época congregam as fases da agremiação. A primeira, marcada pela boemia, sátira e pilhéria que escandalizaram os frequentadores da Praça do Ferreira e do Passeio Público. A segunda, a maturidade e os ideais voltados para as questões intelectuais

que agitavam os ânimos literários nos primeiros anos do golpe republicano. Seu rival, o Centro Literário, também está em foto na Sala “Letras e Artes”, face a face com os padeiros que defenderam as manifestações populares como as instituições da nação brasileira. Já os centristas, em busca de uma identidade à recém-implantada república, elegeram Iracema, de José de Alencar, como a cartilha do comportamento patriótico. Chegaram até a propor outro nome à capital cearense, que deixaria de ser Fortaleza pela índia dos lábios de mel. Os retratos dos jovens Antônio Sales e Adolfo Caminha (primeiros “padeiros”) também se apresentam neste espaço.

Instigantes são, dentre outros, alguns dos objetos pessoais do historiador Capistrano de Abreu (1853-1927). Um singelo quadro de sua bucólica morada nas mediações da serra de Maranguape, uma rede (de estudo e trabalho) e a sua esquecida escrivania. Sim, esquecida na certa, pois Capistrano estudava à rede, sob a varanda de sua chácara, a rabiscar os primeiros textos dos *Capítulos de história colonial*. Nada mais restava àquela mobília senão acumular livros, transcrições e documentos históricos. Da mesma geração de 1870, do emérito jurista cearense Clóvis Beviláqua tem-se um manuscrito enviado da então Capital Federal no Rio de Janeiro aos conterrâneos alencarininos do cenário letrado, louvando a fundação da Academia Cearense. E dos tantos escritores, intelectuais e literatos, Moreira Campos e

Rachel de Queiroz dão testemunho de suas célebres penas através dos manuscritos - vestígios dos primeiros rabiscos daquelas obras que marcaram as tendências da literatura moderna cearense no século XX.

Aos leitores deste modesto estudo, convidamos para uma leitura histórica sobre a Padaria Espiritual - uma das experiências sociais mais distintas da cultura cearense. Por ela passaram escritores, jornalistas e intelectuais que produziram obras da literatura entre o terceiro quartel do século XIX e o início do século XX. Eles ajudaram a compor parte significativa da atividade literária e da imprensa no Ceará, a destacarem os modos de vida de pescadores, cançãoeiros, caboclos e sertanejos como riquezas singulares da cultura brasileira.

NO TEMPO DA PADARIA ESPIRITUAL

Surgida aos 30 maio de 1892, em uma mesa do Café Java, antigo quiosque demolido na Praça do Ferreira, a Padaria Espiritual se propôs ser uma “sociedade literária [diferente das] tantas, [de] caráter formal de academia-mirim, burguesa, retórica e quase burocrática” que havia na Fortaleza do século XIX. (Sales apud Azevedo, 1996, p. 54) Nesta época, vários intelectuais cearenses formavam agremiações literárias; espaços de sociabilidade entre os escritores, onde discutiam assuntos como literatura, ciências, filosofia, artes e política. Em boa medida pela sua irreverência, que a todo custo procurava escapar do formalismo acadêmico, a Padaria Espiritual fez-se conhecida na historiografia literária como uma sociedade de boêmios, jocosos, sarcásticos e até “revolucionários”. Tudo graças ao fino humor de seus versos, às críticas incisivas direcionadas aos segmentos dominantes de Fortaleza, ou mesmo pelos “nomes de guerra” adotados por seus sócios, inspirados na linguagem do populacho, como “Bruno Jaci”, “Policarpo Estouro”, “Lucas Bizarro”, “Moacir Jurema”, “André Carnáuba”, “Marcos Serrano”, dentre outros.¹

Contudo, a Padaria não foi a pioneira dos grupos literários no Ceará. Desde a década de 1810, com os Oiteiros, a vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção já conhecia a obra de grupos literários que aqui existiram.² A partir de 1872, com a formação da Academia Francesa, esta experiência deu-se em debates constantes na imprensa local (jornais, pasquins, folhetos) e a agitação das idéias filosóficas e valores de classe na cidade, com as leituras sociais tentando recriar modos de vida para os indivíduos, principalmente entre o período que compreende o final do regime monárquico e o início da República.

Fundada por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes, Tomás Pompeu Filho, a Academia Francesa combateu veemente os setores mais tradicionais da sociedade cearense como a Igreja Católica, acusando a pedagogia da Companhia de Jesus de “absorver a vitalidade dos povos na condenação eterna ao julgo romano”.³ Nas páginas do órgão maçônico *Fraternidade*, esses jovens pensadores defenderam apaixonadamente, entre 1873 e 1875, os estandartes da sociedade industrial-civilizatória como progresso, tecnologia e ciência,⁴ acreditando ser a influência da Igreja nos modos de pensar e viver dos cidadãos a causa do atraso material e moral daquela sociedade. Para reeducar a população, com intenção de acelerar a transformação da pequena urbe em uma civilização industrial, a Academia Francesa criou um

espaço de reflexão intelectual, à rua Conde d'Eu nº 98, onde realizaram-se palestras e debates, denominado Escola Popular. Os temas discutidos eram variados: “Eletricidade”, “Soberania Popular”, “O Estado”, “A Religião”, “O Direito” etc. Os assuntos levantavam polêmicas quanto aos rumos que os indivíduos deveriam seguir, distantes dos valores religiosos e mais ansiosos pela realidade das máquinas e das ciências, como já se via em Londres, Manchester, Paris, Viena, Aalstat e outras cidades.

Os membros da Academia estavam seduzidos por aquela atmosfera eufórica que havia dominado o Ocidente desde o último quartel do século XVIII. A industrialização e o crescimento vertiginoso de alguns centros urbanos europeus em boa medida repercutiram em Fortaleza, sobretudo durante o surto algodoeiro iniciado nos anos 1860. (Silva, 1994) Ao tornar-se principal entreposto comercial e porto exportador de “ouro branco”, do Brasil para a Europa, a capital cearense experimentou um impulso no seu crescimento demográfico, econômico e urbano. Sendo agentes desse processo histórico-social, os intelectuais da Academia, adeptos da filosofia positiva (daí o adjetivo desta academia ser francesa), alardeavam os princípios do trabalho disciplinado, do ajustamento social à ordem industrial-civilizatória e a importância do conhecimento científico como forças transformadoras daquela realidade. Deve-se lembrar que tais discursos respaldaram a elaboração de uma intensa disciplina urbana ocorrida em Fortaleza a partir

da década de 1850, sobretudo o investimento em formas de controle social sobre as camadas baixas da sociedade (retirantes, moradores dos subúrbios, crianças abandonadas, mendigos, doentes infecciosos), como a criação dos asilos de mendicidade e de alienados (Jacarecanga e Parangaba, 1886), de um lazareto (Jacarecanga, 1857), reformatórios e abarracamentos (para evitar a chegada dos retirantes à cidade).

Da Academia Francesa à Padaria Espiritual, outras sociedades de letras tiveram destaque no circuito literário, científico e filosófico da cidade. O Clube Literário, por exemplo, foi uma ramificação do movimento abolicionista (Sociedade Cearense Libertadora e seu jornal *O Libertador*, 1881-1889) e da então extinta Academia Francesa. Com sua revista *A Quinzena* (1887), alguns escritores como Rodolfo Teófilo, João Lopes, Antônio Martins, Oliveira Paiva, Justiniano de Serpa, Antônio Bezerra, Guilherme Studart, dentre outros, publicaram artigos pelo órgão que teve repercussão local e nacional. Eles justificavam com a filosofia evolucionista a abolição do cativo na província do Ceará (ocorrida em 1884, quatro anos antes da emancipação no restante do Brasil). Em geral, refletiram que tal feito era resultado da evolução biológica, social e moral do povo cearense que, por adaptar-se à ação violenta das forças mesológicas e climáticas (referindo-se à calamitosa seca de 1877), adquiriu força e índole capazes de promover o bem comum.⁵ Os cânones filosóficos desse raciocínio foram os mesmos

que justificaram a idéia de progresso nos centros industriais europeus, pautando-se nas obras de Charles Darwin, Herbert Spencer, Hippolyte Taine, Buckle, Lamarck e Comte. Nos textos filosóficos e historiográficos, a trajetória desta geração, conhecida por Mocidade Cearense, é reverenciada como a “provedora do progresso material e moral do Ceará”, os reais agentes sociais do processo abolicionista, em detrimento da resistência histórica dos negros nas fugas e quilombos. (Funes, 2000)

Já contemporâneas à Padaria Espiritual, tem-se a presença de duas outras sociedades literárias, filosóficas e científicas formadas por alguns sócios em comum: a Academia Cearense e o Centro Literário, ambas de 1894.⁶ A primeira tinha como órgão a *Revista da Academia Cearense* (1894-1922) e possuía circulação nacional. Os sócios da Academia Cearense mantiveram o mesmo discurso cientificista e evolucionista daquelas idéias defensoras do progresso industrial, da racionalidade instrumental no controle dos comportamentos sociais e do legítimo exercício de poder pelos homens de letras (ideal da sociocracia comtiana).⁷ Já o Centro Literário divulgava em sua revista *Iracema* (1895-1900) o nacionalismo republicano, apoteose do regime político recém-implantado no Brasil. José de Alencar e a sua “patriótica” obra, *Iracema*, intencionalmente foram eleitos pelos centristas “a linda mimosa e o grande génio cearense (...), a representação palpitante da formosura aliada à

energia, do affecto ligado à abnegação, da coragem ligada à constância, do esforço à perseverança”.⁸

Em uma reunião solene do dia 12 de dezembro de 1895, no antigo palacete da Assembléia Estadual (hoje o prédio do Museu do Ceará), o Centro Literário homenageou José de Alencar em seu 18º aniversário de morte. Estavam presentes outros grupos lítero-científicos e entidades oficiais e filantrópicas, como a Padaria Espiritual (que manteve certa rivalidade com o Centro), a Academia Cearense, Instituto do Ceará, Escola Militar e Fênix Caixeiral. Na ocasião, a ritualística positivista, já em uso habitual por militares e jacobinistas⁹ responsáveis pelo golpe republicano (1889), fora marcante em estandartes, bandeiras, recitais e quadros que aludiam à produção de Alencar. Chegaram a propor um outro nome para Fortaleza: “Iracema (...) que recordará não os gemidos dos que soffreram no Forte, não o sangue dos victimados à sombra dos agentes de S. Magestade, mas uma idéia de progresso e de adiantamento”. O apelo ideológico tinha a preocupação em tornar aceita a idéia da república no Ceará. (Cardoso, 2000)

Como é percebido, republicanos exaltados, filósofos cientificistas, defensores do industrialismo, regeneradores sociais, comerciantes sedentos foram contemporâneos da Padaria Espiritual. Em maioria, tais sujeitos pertenceram às classes médias e grupos dominantes que acreditaram ser a ordem industrial-civilizatória o melhor modo de vida para os indivíduos daqueles tempos. Coincidência ou não, a estes

grupos da sociedade pertenceu a maioria dos intelectuais da Mocidade Cearense. Por sua vez, os sócios da Padaria mantiveram outras referências culturais, sempre lastreadas na experiência social das classes subalternas. Por qual motivo?

Nem todos os intelectuais compartilhavam das mesmas idéias. De modo geral, a Padaria evitou o formalismo acadêmico e a retórica proselitista dos bacharéis. As narrativas impressas em seu periódico *O Pão* (1892-1896) sempre traziam os hábitos da vida simples e bucólica.

O luar dá na parede
que alveja, alveja demais!
No alpendre, em macia rede,
Canta o fadinho um rapaz.

Divertem, na sala, á bisca
velhas e moças; por traz
espreita o jogo a Francisca,
dizendo: - Carta de az!...

Lá fora, doidos, traquinas,
os meninos e as meninas
vão uns e outros em torno

D'um que, sentado n'areia,
junta flores á mão cheia
gritando: - Bocca de forno!¹⁰

Como neste soneto da coluna "Chromos", intitulado "Bocca de Forno", o poeta Xavier de Castro faz menção à

realidade simples das classes populares de Fortaleza no século XIX. Os artigos de *O Pão*, que os críticos literários denominaram textos pré-modernistas, procuraram enfatizar aquele cotidiano que a duras penas resistia à "ideologia do progresso [que] não cessa de insistir na equiparação entre tempo e dinheiro." (Silva Filho, 2001, p. 75) Com a ação coerciva de aparelhos repressores, como a polícia e os códigos de postura, os administradores públicos aliados tanto aos comerciantes e às demais elites urbanas (médicos sanitaristas, bacharéis, militares e burocratas), contribuíram para a instituição de padrões comportamentais ajustados à disciplina do trabalho, equivalente ao que se via nas metrópoles industriais.

Enquanto outras agremiações como o Centro Literário e a Academia Cearense procuravam disseminar a ideologia do progresso, seja relacionada ao regime republicano ou ao conhecimento científico-tecnológico, a Padaria Espiritual optou por interpretar a realidade nacional de acordo com a realidade popular que compunha a nação brasileira. Em geral, a Padaria elegera os modos de vida dos habitantes dos sertões e vilarejos como definidores do caráter nacional. Na arena de debates intelectuais da imprensa de Fortaleza, bem como das principais cidades do Brasil, esse discurso procurou elaborar uma identidade nacional ao seu público leitor, naqueles tempos em que intelectuais e políticos buscavam uma imagem para representar a nação brasileira.

Em sua leitura social, a Padaria Espiritual comportou alguns traços de teor nacionalista-regionalista (reportando-se às características típicas do povo cearense), diante daqueles tempos de indefinição política. É também legítimo considerar que algumas das preocupações levadas a cabo em seu “Programa de Instalação” tenham antecedido às inquietações que mobilizaram a Semana de 22 em São Paulo. (Azevedo, 1994, p. 189-190)

Art. 14 - É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula (...);

Art. 21 - Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à Fauna e à Flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc.

(Apud Mota, 1995, p. 43-44)

Estes artigos apontam para certa aversão aos estrangeirismos, tão comuns à moda e ao “mundanismo” que os produtos fabricados nos países industrializados trouxeram aos centros comerciais e “áreas de influência” mais recônditas. (Hobsbawm, 1988) De inspiração rousseauiana, ao evocarem as tradições ancestrais do povo, distantes das instituições oficiais, os padeiros comprometeram-se a publicar em *O Pão* uma das expressões mais legítimas da arte popular cearense: “Art. 34 - A Padaria Espiritual obriga-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível, um Cancioneiro Popular, genuinamente cearense”. (Apud Mota, 1995, p. 45)

É bem provável que os sócios da Padaria Espiritual estivessem preocupados com a preservação da diversidade da cultura popular local. Pois, naquele tempo de violenta imposição da racionalidade técnico-científica, as manifestações populares eram reprimidas tanto pelos aparelhos coercitivos como pela estética das “novidades de consumo” vindas com a economia monopolista das potências industriais. Também não pode ser esquecida a atitude dos adeptos da república, ao fazer represália às manifestações populares, apenas por estas de alguma forma lembrarem o período monárquico. No livro *Os bestializados*, José Murilo de Carvalho chama de “ação moralista das autoridades republicanas” atitudes como a violência policial no Rio de Janeiro sobre a população negra e os pobres, estampada nas perseguições contra os capoeiras, bicheiros, destruindo seus lares (casebres e cortiços) para dar espaço às avenidas e ruas do centro comercial, impondo posturas de comportamento urbano, o que “confirma o abismo existente entre os pobres e a República e abre fecundas pistas de investigação sobre um mundo de valores e idéias radicalmente distinto do mundo das elites e do mundo dos setores intermediários”. (Carvalho, 1996, p. 31)

Em Fortaleza não foi diferente. Adolfo Caminha, quando participou da primeira fase de *O Pão* (1892), foi responsável pela coluna “Sabbatina”. Nela, o incisivo escritor relatou o impacto das posturas capitalistas-civilizatórias sobre as manifestações populares, oriundas dos protagonis-

tas históricos e sociais da antiga vila, como negros, índios, colonos, sertanejos e caboclos. Disse que:

Evocar o passado n'um dia como este é reviver os melhores tempos da nossa vida, quando ainda não tínhamos noção alguma das cousas e levamos a existência a rir ou a choramingar por frioleiras, n'uma indiferença absoluta a tudo e a todos, pedindo a Deus alfenins e calungas e a moer a paciência do papae. E o bumba meu boi? E os congos? E os fandangos? E todas essas festas tradicionais que o povo se incumbia de crear para o gaudio dos rapazes alegres? ... Tudo vae desaparecendo com o patriotismo nacional. O Natal, como o S. João e como todas as festas de caráter popular - vai degenerando em festa aristocrática.¹¹

Conforme se viu, na tentativa de ajustar as classes sociais à normalidade disciplinadora, os setores dominantes de Fortaleza investiram contra as festas da tradição popular por estas também representarem em certa medida a contestação ao poder instituído e a transgressão à moral do trabalho - afrontas à ideologia do progresso.

José Carlos Júnior, três anos após o artigo de Caminha, contestou o avanço dessa ordem moderna em um texto denominado "Carta à Padaria", quando percorria os sertões do Estado. Dizia que:

Não ha peor desgraça para uma pequena cidade do interior do que chegar-lhe o caminho de ferro às portas.

Há cousa mais agradável do que viver alli uns dias de uma vida quasi primitiva, em que a ausência de amofinações e dislates da senhora civilização põe um sabor especial e delicioso até mesmo no que há de rude e grosseiro? Vão-se a poesia e singeleza dos costumes, e começa o monstro de fogo a trazer da capital diariamente o espírito da imitação, (um espírito mais nocivo que a cana) que faz com que as pequenas cidades vivam a macaquear continuamente as grandes, da maneira mais burlesca e aleijona.

Não tardam vir chegando as cartolas e os pianos; besuntam-se as matutas com o pó de arroz e os matutos com litteratura, e apparecem pelas paredes a torre Eiffel e o homem do bacalhão; o barbeiro adorna a sala com inevitáveis odaliscas de physionomia inglesa ou hespanhola.

Os trombones da localidade põem-se a estudar mezes inteiros a mais sedição das polkas em voga na capital; instala-se um club dansante, e um Palhabote em miniatura começa a esvasiar cerveja nas tripas da população.

Lá vão chegando as dyspepsias e o hysticismo, e alli está uma cidade civilisada e uma sociedade burgueza em toda a hediondez da expressão.

De tudo isso porém nada é tão desopilante, tão subtamente cômico ou, melhor, tão tristemente ridículo como o porte, os adamanes, a linguagem de certos habitantes dessas cidadesinhas em presença da gente da capital.¹²

O que poderá parecer conservadorismo romântico em parte de "Bruno Jaci" e "Félix Guanabarino" (respec-

tivamente José Carlos Júnior e Adolfo Caminha), é mais uma reflexão sobre o processo de aculturação no Ceará realizado com o investimento das potências imperialistas, a fim de expandirem as atividades da economia industrial-monopolista. E Fortaleza, com a criação da Estrada de Ferro Fortaleza-Baturité (1877-79), o Farol do Mucuripe (1872), a Ponte dos Ingleses (1906) e as vilas operárias (1912-14), já conhecia tal realidade.

Mas, como em todo grupo de intelectuais, nem todos os pensamentos foram homogêneos. As posturas variavam bastante. Houve aqueles que acreditaram na filosofia do progresso e da regeneração política, como Antônio Sales e Álvaro Martins, ou ainda os que anunciavam com pessimismo satânico a descrença e o fim trágico da civilização industrial, a exemplo de Lívio Barreto, Lopes Filho e Cabral de Alencar.

Nas páginas do primeiro número de *O Pão*, Antônio Sales (idealizador e publicista da Padaria Espiritual) e o republicano exaltado Álvaro Martins reverenciaram o projeto industrial-disciplinador das elites cidadinas como “boas novas”. Sobre o último piso do Passeio Público, destinado às classes subalternas, Sales escreveu que:

A Rampa, a legendária Rampa, de londrina e obscena memória, está sendo calçada e iluminada. A Rampa era a Rocha Tarpéa da prostituição ao pé da Avenida (Caio Prado) que é o Capitólio da honestidade. Em cima, a Avenida alagada de luz e sonoridade de música, deixava-se calcar pelos pésinhos ágeis das

virgens cearenses, que iam e vinham numa garrulice de aves novas; embaixo o vício sórdido florescendo na lama illusória da treva.... Mas a Civilização vai accender ali os olhos dos combustores e... era uma vez a Rampa. A Sr^a Câmara Municipal queira receber os nossos cumprimentos.¹³

Já Martins comenta: “Recebemos um elegante folheto tractando das Colonias Industriaes destinadas à disciplina, correção e educação dos vagabundos regenerados pela hospitalidade e pelo trabalho. Ora, ahi está um livrinho que devia ser espalhado nesta terra (...) Recommendamos aos nossos leitores este excelente folheto.”¹⁴ Nestes artigos, conclui-se que ambos acreditavam serem a normalização dos espaços públicos e a correção de comportamentos transgressores à ordem urbana as formas de contribuir para o progresso, o bem-estar social e a moralidade.

Pode-se perceber que entre os “Novos do Ceará” (os escritores da década de 1890),¹⁵ diferentemente da geração anterior (Mocidade Cearense), não existia a mesma coesão de posturas intelectuais, filosóficas ou literárias. Entretanto, vale lembrar que a adesão de última hora à república foi marcante no comportamento político de ambas as gerações. Divididos e atônitos entre os mais variados discursos salvacionistas, republicanos, modernizadores e regeneradores, os padeiros encontravam-se no meio de um campo de tensões onde as idéias, através da atividade de imprensa, procuravam configurar a realidade cotidiana,

recriando modos de vida e de organização social, agindo sobre o público leitor. Em boa medida, a ausência dessa organicidade intelectual em *O Pão* muito contribuiu para mostrar que naquela época não existia somente uma única e homogênea leitura para a vida coletiva em Fortaleza. Ao contrário, ressaltam interpretações diferenciadas, modos de vida variados que testemunharam a diversidade das *experiências sociais presentes na pequena urbe cearense do século XIX*. Contudo, em comum prevalece um discurso uníssono entre os padeiros: a aversão ao grupo social que denominavam de “burguesia” e aos seus valores.

Com este trecho da coluna “Sabbatina”, Adolfo Caminha descreveu o perfil social da burguesia que a Padaria Espiritual atacou, sobretudo, na sua primeira fase (1892):

A pequena capital cearense, habituada ao aluá, à secca e à política, e celebrisada pelo irrepreensível alinhamento de suas ruas, estremeceu como alguém que accorda de um pesadelo enorme. A burguesia damnou: que éramos uns idiotas sem eira nem beira, uns pilintras sem letras nem: que isso de Padaria Espiritual é uma especulação como outra qualquer (...) Aquelles que, duvidando das nossas boas intenções, julgarem-nos uma sucia de estouvados, uns estroínas, sem responsabilidade e sem critério, ouçam: A capital do Ceará, encantadora como uma pérola do Oriente, bella como conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação

não lemos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existência, somos obrigados a ir, às quintas-feiras e aos domingos, alli ao Passeio Público exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hipócrita e imbecil de nossos sorrisos. Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espírito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de política, mas de uma política torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pellica. A litteratura e as artes são, por assim dizer, os melhores tónicos para o espírito.¹⁶

Os regeneradores da ordem sócio-urbana (médicos, higienistas, urbanistas, engenheiros), as classes urbanas emergentes e as facções políticas oligárquicas (coronéis e chefes políticos ligados às famílias mais tradicionais do estado) foram apontados pelo autor como agentes de imposição de uma violenta disciplina urbana, a reproduzir o consumismo de forma selvagem (promovendo relações de desigualdade entre os indivíduos), bem como concentrar poder político com mandonismo, violência física e atos ilícitos, nepóticos e clientelistas, característica das oligarquias brasileiras, ainda muito em voga nos dias atuais.

Os conflitos de natureza sociopolítica daquele período foram alardeantes graças à idéia inicial da república aliada ao exercício pleno da democracia. Interpretada como fruto do progresso moral e material, após a sua proclamação, tal conceito político fomentou em determinados grupos sociais a expectativa por melhores condições de trabalho e ingresso

à vida pública do país. Quando os ideais políticos passaram a se tornar inviáveis (pois degeneraram em práticas oligárquicas e autoritárias), a fuga para a “literatura e as artes [como formas de] tonificar o espírito” foi a única maneira de realização pessoal para aqueles indivíduos. Para Adolfo Caminha e alguns dos padeiros, como José Carlos Júnior e Waldemiro Cavalcante, a literatura não seria uma mera experiência do devaneio, uma atitude singularmente escapista, mas um campo possível de redescoberta do humano, onde os escritores teriam a missão de regenerar comportamentos e valores daquela época. Cabe afirmar que a idéia do “pão do espírito” teria um papel quase pedagógico de ensinar aos leitores a não serem tomados pela falsa realização material causada pela febre de consumir produtos industrializados.

Como será analisado no capítulo a seguir, as relações entre cultura e poder em Fortaleza no final do século XIX estamparam-se nos órgãos da imprensa local. Por aqui não houve, neste período, um ou outro jornal ou revista que não estivesse empenhado em alguma causa política ou social. A origem, os projetos políticos e as características literárias de cada padeiro mostraram um pouco dos conflitos existentes naquela realidade.



Primeira fase da Padaria Espiritual (1892). Da esquerda para a direita vê-se em pé: Álvaro Martins (Policarpo Estouro), Raimundo Teófilo (José Marbri), José Maria Brigido (Mogar Jandira) e outro que muito aparenta ser Adolfo Caminha (Félix Guanabarin). Na mesma ordem os sentados: Sabino Batista (Sátiro Alegrete), Antônio Sales (Moacir Jurema) e Carlos Vitor (Alcino Bandolim).

**A “REPÚBLICA DO POVO”:
POR QUEM ERAM OS PADEIROS**

A Padaria Espiritual foi formada por um grupo de amigos, amantes das “Letras e Artes”, rapazes oriundos dos setores médios e baixos da capital e do interior. Eram funcionários da alfândega, caixeiros, escritores menores, sem filiação com as facções político-oligárquicas e buscavam ascensão pública e social. Para esses moços, exilados dos seus municípios de origem,¹⁷ constituía particular aventura enveredar pela restrita carreira dos homens de letras na capital. Fazer parte desse universo seria uma conquista meritória por terem se destacado com o talento literário. No geral, eles receberam as primeiras instruções no ensino doméstico ou nos gabinetes de leitura espalhados pelo interior cearense, e o domínio das práticas letradas haveria de propiciar-lhes algum status, já que não possuíam apadrinhamento ou linhagem familiar (valor característico das classes tradicionais e conservadoras).¹⁸ Logo, imersos na vida da urbe, acreditaram que seus dotes intelectuais trariam de alguma forma ascensão através da profissão letrada, distantes das penosas jornadas de trabalho a manterem o seu sustento.¹⁹

Estes fatores, aliados à jovialidade dos seus ideais, fizeram que suas atividades letradas refletissem sobre as próprias experiências cotidianas, como pode ser visto no texto de José Carlos Júnior, “Carta à Padaria Espiritual”, analisado no capítulo anterior, e que comentava a expansão do capitalismo monopolista no interior do Ceará. Inspirados nas idéias evolucionistas (sobretudo o spencerianismo), os anseios democráticos (com o fim da escravidão e implantação da república) permitiram àqueles agentes históricos vislumbrar o ingresso na esfera pública, ascender socialmente e ganhar prestígio intelectual. Para eles, a república seria o regime pleno de oportunidades, e o mundo das letras o meio de alcançar a realização dos seus ideais mais imediatos.²⁰ As premissas que subsidiaram a formação de um grupo de rapazes, em sua maioria de origem pobre, residentes na capital do estado, abarcadores da recente causa republicana e inseridos no mundo das letras teriam, de certa forma, contribuído para congregar os sócios da Padaria Espiritual no seio da cultura das belas letras cearenses.

Cientes da batalha no ambiente intelectual, sobretudo reconhecendo as relações de poder na imprensa de Fortaleza, os padeiros apresentaram ao público sua leitura da realidade local, a tomarem suas experiências cotidianas como inspiração - característica de uma literatura modernista. O modo de vida dos seus membros, seja nos sertões cearenses ou nos arrabaldes da capital, interferiu na confecção das narrativas

literárias de *O Pão*, que marcou posicionamento no circuito de idéias da época. Diferente do que fora protestado pelas agremiações literárias da velha Mocidade (combatentes às estruturas de “atraso”, adeptas do progresso), os padeiros satirizaram os valores da ordem capitalista-civilizatória por estes não corresponderem às expectativas da vontade maior, coletiva e popular, dos remanescentes de indígenas, caboclos, retirantes, negros emancipados e pobres. Os setores emergentes da capital foram sem dúvida o grupo mais perseguido pela pilhéria e o sarcasmo da Padaria. A crítica às classes burguesas, à mudança de hábitos e valores durante o crescimento comercial e urbano da cidade, vai em direção à lógica do trabalho imposta pela ordem capitalista e aos modos de vida surgidos com aquele “tipo social”.

Conforme a narrativa a seguir, de Adolfo Caminha, o ritmo da existência seria marcado pelo trabalho contínuo em troca do acúmulo de dinheiro. O tédio do lar seria um outro reflexo da vida burguesa, juntamente com o “ouro de tolo” - a realização do indivíduo limitada aos bens materiais que ele pudesse consumir / adquirir. Daí o termo “espiritual” para designar a postura daquele grupo de escritores, contrária aos novos desejos produzidos naqueles tempos. (Ponte e Oliveira, 1992)

Sucedem-se os dias, passam as semanas, findam os mezes, e a vida, a triste vida humana figura-se-nos cada vez mais monotonica e misteriosa, com as suas miserias eternas e o eterno desespero

daquelles que, por uma lei absurda e estúpida, são obrigados a trabalhar, como uma besta, de sol a sol, de manhã á noite, incessantemente, sem descanso, para o fim de não morrer p’ahi, de fome, como cães sem dono, n’um desespero absoluto, aos pontapés da burguesia rica. (...)

Nada mais triste do que uma pessoa ser doida por cavallos e ver-se constringida, por força das circunstâncias nikelinas, a não pôr os pésinhos no Prado e a deixar-se ficar em casa burguezamente, estupidamente ruminando planos inexequiveis, a construir castellos no ar, com um tédio sem nome a espicaçar-lhe todas as fibras de organismo, enquanto os outros, os felizes, lá vão áquellas horas, radiantes de contentamento, com os bolsos recheados, gosar as tepidas emoções de um dia de sol no Prado.²¹

Ironicamente, Caminha declara que o tédio seria o saldo do modo de vida propiciado em virtude da febre do consumo por artefatos industrializados. O historiador José Murilo de Carvalho, no artigo “Brasil 1870 - 1914: a força da tradição”, analisa estas relações sociais e modos de vida “aristocratizantes” vindos dos países industrializados e o efeito dos anseios de civilização e progresso que, incorporados pelas classes médias urbanas e grupos dominantes da sociedade brasileira, contribuíram para tornar mais visíveis as diferenças socioeconômicas no país. (Carvalho, 1998, p. 107-129) Há de ser lembrado que, em boa medida, esse tipo

de experiência com o cotidiano já era denunciada por alguns artistas do final dos Oitocentos, em algumas sociedades que sofreram a “ressaca dos tempos modernos”.

Um texto poético inusitado chama a atenção pelo teor sarcástico de crítica social que carrega em sua narrativa. Quando a Padaria Espiritual comemorou o seu primeiro aniversário em 1893, no extinto Café Java (Praça do Ferreira), Sabino Batista, o “Sátiro Alegrete” dos padeiros, compôs essa trova que denunciou alguns dos motivos pelos quais o grupo odiava a burguesia:

Padeiros! O calendário
Do tempo marca afinal
O primeiro aniversário
Da nossa mãe esp'ritual.

Um ano de vida (é incrível!)
Completa hoje a Padaria
A inimiga mais terrível
Que possui a burguesia.
(... ...)

Há um ano - quase em geral -
Exclamava a burguesia:
- Padaria Espiritual?
- Que quer dizer Padaria?

- Que grandiosa novidade!
- Que tít'lo tolo e banal!
- Chamar-se uma sociedade
Padaria Espiritual!

Assim clamava basbaque
A burguesia intrigada,
Salientando o sotaque
De sua voz arrastada.

E a Padaria, do alto
Do Forno, á rua Formosa,
Trazia em contínuo assalto
Toda essa corja raivosa.
(... ...)

Batia sem ter piedade
A massa descomunal
Da chata mediocridade
Balofa, pífia, banal.
(... ...)

O grande indiferentismo
Dos ignaros banqueiros
Nunca causou prejuízo
A nenhum de nós, padeiros.
(... ...)

Devemos mais uma vez
Fazer um protesto forte:
- Votar a todo burguês
O nosso ódio de morte!

(Apud PONTE e OLIVEIRA, p. 35)

O aniversário da Padaria Espiritual foi homenageado pelo padeiro como ato de resistência. A quê? A quem? As tentativas de alinhamento das alteridades culturais e das

experiências sociais das camadas subalternas de Fortaleza no século XIX à ordem industrial-civilizatória, seriam índices denunciadores. Deve ser entendido que os padeiros não alimentavam qualquer sentimento de perseguição social ou xenofobia, mas não poderiam deixar de perceber a velocidade com que os costumes regionais iam se transformando em hábitos disciplinados e ajustados à realidade dos centros industriais. O aformoseamento estético e as reformas urbanas de Fortaleza ocorreram entre as décadas de 1860 e 1930, sendo a área do Centro definida como espaço por excelência da atividade comercial pelos urbanistas, empreendedores e administradores municipais da época (até então não havia intensa atividade industrial, apenas alguns curtumes, manufaturas de palha e algodão).

O tipo “burguês” pode ser interpretado como aquele agente social empenhado na consolidação desse projeto, por valorizar apenas os bens materiais, distante da contemplação e do “tempo natural”. (Bresciani, 1984/1985) Portanto, mais que um enfrentamento posicionado entre as classes sociais, houve na verdade um confronto entre modos de vida e valores que cada grupo incorporou, reproduziu e empenhou-se para tornar aceitos no seio da coletividade.

De um lado, a diversidade das experiências culturais dos sujeitos que ao longo da história materializaram a sua realidade, desde os tempos remotos da antiga vila (sertanejos retirantes, caboclos, remanescentes dos povos ameríndios, ne-

gros, colonos), com os seus cultos religiosos, curandeirismos, festas, brincadeiras, enfim, os produtos daquela experiência coletiva. Do outro, a emergência por incorporar o projeto de uma nova ordem econômica e social, o capitalismo civilizatório-monopolista que, utilizando-se do discurso racional e técnico-científico, empenhou-se por uniformizar todas as alteridades culturais em um só paradigma: predispor a população ao trabalho disciplinado e acumular bens efêmeros. No artigo que segue, o já mencionado Sabino Batista, autor do livro *Flocos*, testemunhou esta tensão:

Noite de Festa. É este o termo popular, o nome comum que o povo dá a noite de Natal (...) Para o povo a noite de natal é a maior noite do ano. O povo chama noite de natal noite de festa porque é no natal que o começo [sic] todas as festas populares, todas as brincadeiras que nos legaram nossos avós. Com que saudade não me recordo eu hoje das festas populares que vão sendo substituídas pelos bailes aristocráticos!... Antigamente, eram os fandangos, os congos, o bumba-meu-boi e as legendárias pastorinhas que, por toda parte, emchiam de luz e de alegria a noite de natal; hoje são os bailes da alta sociedade; o povo já não brinca, o povo já não se diverte. Benditas sejam tu, ó noite de festa, que tantas recordações me trazes dos tempos idos, da minha meninice tão rendilhadas de sonhos e de harmonia...²²

No texto acima, o desaparecimento das festas e costumes da experiência social na antiga vila mostra a

impressão do autor acerca do investimento sobre as classes subalternas, a fim de que elas incorporassem a temporalidade metódica e os mecanismos de controle da sociedade capitalista. E uma vez que a linguagem dos folguedos é, em certo sentido, subversiva à ordem e ao controle social, as festas populares, como expressão material e simbólica das experiências sociais, tendem a confrontar certa ordem emergente que se impõe dominante.

Alguns trabalhos da historiografia cearense privilegiaram o glamour dos bailes, clubes e festas elegantes das famílias chiques de Fortaleza, entre os séculos XIX e XX. (cf. Campos, 1985) A chegada frenética dos produtos, hábitos e novas sociabilidades semelhantes às de cidades industriais, assume nestes textos maior destaque. É ausente a violência simbólica²³ que tais segmentos dominantes utilizaram para afirmar os valores “civilizados”, frente à diversidade dos modos de vida existentes nas classes menos favorecidas da população, traduzidos em festas, danças e folguedos, fandangos, congos, maracatus, reisados e pastorinhas. É precisamente nos anos de legitimidade e implantação da república no Brasil que ganham maior relevo os ideais fervorosos do progresso, levados a cabo pelas elites emergentes nos centros urbanos. (Sevcenko, 1995; Needell, 1993)

Waldemiro Cavalcante, natural do interior de Granja - pequeno município no norte do Ceará -, foi outro membro da Padaria que ilustrou o campo de tensão daquele período.

Na crônica em que narra a visita de um amigo à casa de um militar durante a Noite de Festa, o padeiro denunciou o violento uso simbólico que positivistas ortodoxos e militares empregaram no período para afirmar o regime político e a nova ordem econômica que se instauravam.

Festas, Anno Novo e Reis Magos, mas sem uma nota que fique recordando o que foram esses dias, incaracterizados por essa consagração burguesa que se resume na exposição de uma vestimenta nova ou escovada, de um bôlo feito com economia de manteiga, attenta a carestia de genero (...)

Nada tradicional que desperte a admiração ou emocione. As antigas lapinhas, que em sua simples encenação d'outros tempos nos suggeriam alegrias bucolicas, effusões sadias e confortantes, enleivavam-nos, transportando-nos em espirito aos tempos primitivos da era christã, seguem caminho da decadencia, desvirtuando as belas lendas que representam, e, n'uma vestigem de modernice cahem na mais chata e ridicula força que um espirito esmulambado pode imaginar (...)

Pobre Christo! Murmurou meu amigo ao contemplar o aspecto bellico da lapinha, tiram-te do estabulo e lançam-te a caserna. Com effeito alli era tudo militar. Como um preito ao militarismo, vestiram o menino Jesus de cadête, Nossa Senhora parecia uma vivandeira de S. José, humilde postado a um canto tinha o ar todo de sargento. Os tres reis magos tinham vistosas fardas de generaes, e se não usavam barrêtes phrygios tambem coroas não traziam para que

não perigassem ás instituições ante tanto rei junto. O devoto illustre, que parecia mostrar-se sympathico ao positivismo, não esqueceu, em sua minudencia de detalhes de apresentar a bandeira nacional fluctuando sobre a cabeça dos reis do Oriente, e n'ellas escriptas as palavras symbolicas da vinda da República: Ordem e Progresso. (...)

Boi, congos e fandangos acompanharam este anno a lapinha nos processos de adaptação (...)

Horrorosa rebeldia de iconoclastas persegue tanto as usanças e costumes nacionaes que bem nos parece não estar longe o dia em que os devotos de minha terra, n'uma exaltação entusiastica tomem de assalto a matriz da Porangaba e substituam a coroa de martyrios do Bom Jesus dos Afflictos por uma cartola.²⁴

De início, Waldemiro denuncia a descaracterização que a noite de Natal sofreu com o surgimento dos hábitos de consumo das sociedades capitalistas-industriais. Porém, o que ele denominou de “tradicional”, “que o desperte admiração ou emocione”, como os folguedos na Noite de Festas (assim denominada pela população), estaria sufocado por uma nova racionalidade ordenadora dos hábitos, valores e comportamentos. O texto ainda protesta violentamente contra implantação da república aliada à emergência do capitalismo monopolista que se afirmava no Brasil. Para ser mais trágico, um Estado que nascia para legitimar os interesses das elites emergentes

e dominantes, em favor do presidente da República Velha que instituiu a “Política dos Governadores” - Campos Sales -, ao dizer: “o governo (...) deve ser mantido pelas pessoas tradicionais, ricas e cultas”.

As festas populares descaracterizavam-se diante da consagração da ordem capitalista que se afirmava junto com o novo regime. Feroz em combater as manifestações populares por lembrar o período monárquico e não estando o governo atual totalmente consolidado, a histeria republicana recodificou o cenário tradicional da lapinha com a estética militar, aludindo justamente ao segmento que havia proclamado a nova ou legitimado a velha ordem política. (Carvalho, 1990 e 1996) Para finalizar, o cronista ironiza a iconoclastia dos estetas republicanos, que porventura ousaram modificar a coroa de Cristo por uma cartola, símbolo expoente das classes urbanas emergentes. A substituição da coroa pela cartola representaria também a ambição republicana de eliminar quaisquer referências à ordem imperial?

Este artigo, escrito pelo “Ivan d’Azof” da Padaria, é bastante elucidativo a se perceber a luta dos grupos sociais pela participação nos debates políticos do país, o ideal democrático alardeado nas campanhas políticas daquele período. Fundador do extinto Centro Republicano Cearense (assim como outros padeiros, Antônio Sales, Lopes Filho, Adolfo Caminha, Álvaro Martins), Waldemiro Cavalcante viu-se naquele momento insatisfeito com o resultado dos

ideais que outrora defendeu, juntamente com a geração dos Novos do Ceará. As vias de participação na vida política foram restritas àqueles segmentos mais próximos das velhas oligarquias cearenses, famílias e facções que disputavam o poder político local, durante todo o período monárquico. A partir de 1892, com a ascensão dos Pompeu-Accioly, somente para aqueles que participaram das campanhas da Mocidade Cearense, entre as décadas de 1870 e 1880, os vínculos clientelistas teriam reservado cargos públicos, políticos e burocráticos. (Cardoso, 2000, p. 158)

No desenrolar dos fatos, os ideais republicanos daqueles tempos acabaram por legitimar a velha ordem senhorial no poder. Contudo, tendo agora os senhores de terra que dividir o Estado com uma pequena parcela da população, que ascendia junto ao desenvolvimento das relações capitalistas em Fortaleza (comerciantes, burocratas, militares, bacharéis). Ao analisar seu perfil social, os padeiros, jovens da geração de 1890, muitos deles oriundos do campesinato exilado na capital, compreenderam que o golpe de 1889 serviu para reafirmar o poder das oligarquias tradicionais (coronéis, proprietários de terras, classes urbanas emergentes), que durante toda a República Velha (e de forma mais “modernizada” ou “avançada” nos dias atuais) manipularam os rumos políticos e administrativos do país. *O Pão* editado em 15/04/1895 trouxe os sonetos do já mencionado José Carlos Júnior, denunciando a violência simbólica presente no debate político brasileiro àquela época.

I

Depois que a Realeza fez naufragio,
A mão do Estado segue falsa rôta.
O credito se extingue, augmenta o agio,
Medonha se aproxima a bancarrota.

Do Equador ou Bolivia triste plagio,
O Brazil de caudilhos se abarrotta:
Sophismam-se os Direitos e o suffragio.
A nova Carta mesmo já vae rôta.

Alça a guerra civil horrendo côllo;
Brasilio sangue inunda o patrio sólo
É confusão a lei, farça o congresso!

E no meio do cháos em que vivemos,
E no abysmo onde agora nos sorvemos
Procuró embalde a Ordem e Progresso.

II

Tinha a bandeira imperial outr'ora
Vinte estrellas em circulo arrumadas.
A Cruz de Christo, q'inda pouco adora,
E duas verdes ramas enlaçadas.

Mas foi-se a monarchia em bôa hora
E em vez das duas plantas cultivadas
Um gladio vê-se no estandarte agora,
Por entre cinco pontas aguçadas.

As estrellas ficaram, mas dispersas,
Atôa e de grandezas mui diversas,
Com letreiro, q' diz: “Progresso e Ordem”

E em contrario ao q' o motte está dizendo
Como triste ironia, vamos vendo
Estrellas a granel, tudo em desordem.²⁵

O testemunho do padeiro é bem claro. A política brasileira nos primeiros anos de república conviveu com práticas autoritárias, personalistas e excludentes. Era proibida a participação do cidadão na vida pública do país, como mostram os pasquins clandestinos de época em que seus redatores utilizavam pseudônimos a temerem violenta repreensão. Escritores boêmios do período, como Bonfim Sobrinho, por terem comportamentos soturnos e estranhos aos olhos normatizadores, chegaram a ser presos. A violência policial sobre as manifestações populares era incisiva. E dessa forma, até os dias atuais, a experiência democrática do Brasil convive com tais práticas.

Como todos os intelectuais brasileiros do período, que debatiam suas idéias sobre política, literatura e ciências na imprensa, é possível pensar as representações da Padaria Espiritual sobre como deveriam ser as instituições Estado e Nação no país. O primeiro, uma instituição que respeitasse o espaço das diversidades socioculturais, das experiências coletivas, defensor do princípio republicano democrático, muito próximo da filosofia de Rousseau, onde o exercício da violência física ou simbólica jamais poderia ser utilizado. (Starobinski, 1991, p. 34-44) A segunda deveria ser a comunhão de todas as alteridades culturais e experiências

históricas e sociais. Para fazer jus ao espírito dionisíaco dos padeiros, a comemoração do seu primeiro aniversário em maio de 1893 valeu-se de expressões da cultura popular: um folgado improvisado na Praça do Ferreira, com queima de fogos, balões coloridos, bandas de berimbau, discursos satíricos e jocosos, regados a aluá e pinga.

A segunda fase de *O Pão* (1895-1896) é também conhecida como a “menos barulhenta do grupo”. A saber que o processo de instituição da nova ordem deu-se amplamente no campo das idéias, com a mobilização da opinião pública sobre os leitores, através das atividades de imprensa, a Padaria Espiritual não hesitou em travar luta na arena literária nacional. Naquela época, o circuito literário nacional encontrava-se agitado, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal. Debates intermináveis ocorreram, promovidos por escritores, letrados e intelectuais de todas as capitais e regiões brasileiras, a lançarem suas leituras, “de par com os generosos esforços para a regeneração política do país”.²⁶ O próximo capítulo fará a análise das estratégias políticas e publicitárias de Antônio Sales, o idealizador da Padaria, quando este empenhou-se em promover as leituras da agremiação na arena de debates intelectuais.

*ANTÔNIO SALES OU UM CERTO
"MOACIR JUREMA"*

Na década de 1880, Antônio Sales já colaborava em alguns periódicos literários da capital cearense como *A Avenida*, *O Domingo*, *A Quinzena*, dentre outros.²⁷ Filho de um chefe político do município de Soure, aliado do Senador Pompeu, desde muito cedo o idealizador e principal publicista da Padaria freqüentou os espaços letrados de sociabilidade das classes burguesas de Fortaleza, como o Clube Literário e o Reform Club. Era mais um espectador, um jovem caixeiro letrado, encantado com aqueles saraus literários acompanhados ao piano, nascido no município de Paracuru, a buscar prestígio na capital.²⁸ Após fundar o Centro Republicano Cearense, em 1889, sua rápida ascensão pública na cidade contribuiu em boa medida para motivá-lo à atividade intelectual durante a década de 1890. Em 1897 instalou-se na Capital Federal, e como jornalista participou de vários órgãos da imprensa carioca, dentre eles o *Correio da Manhã*. (Mota, 1995, p. 159)

Coincidentemente, quando funcionário do governo local e depois indicado a deputado na Assembléia, Sales esteve no cargo de "fornheiro" (secretário) da Padaria. Além

de sócio-fundador, foi ele quem redigiu os quarenta e oito artigos do "Programma de Instalação da Padaria Espiritual", publicado em 1892, ano de fundação da agremiação, divulgado na imprensa de todas as capitais brasileiras. Foi quem mais se preocupou com a publicidade do grupo, a divulgar *O Pão*, distribuindo números do periódico com o inusitado programa, a emitir homenagens e estabelecer contato da Padaria com os escritores mais conhecidos da Capital Federal. Essa publicidade do grêmio, que serviu em longa medida para imortalizar a agremiação na historiografia literária brasileira, contribuiria também para tornar Antônio Sales reconhecido na imprensa do Rio, centro das discussões políticas e intelectuais no Brasil daquele período.²⁹

Neste resumo biográfico de Antônio Sales, pode-se dizer que os vários momentos da sua experiência - social, política e subjetiva - ajudaram a traçar o seu perfil enquanto sujeito na sociedade de então. Ele fez parte daquela intelectualidade brasileira, "oriunda dos aristocratas ou das baixas classes médias" (Bosi, 1994, p. 263), que a partir de 1870 viu nas "letras" um campo promissor para ascensão pública, política e social, e nos anos de 1890 ajudou na estruturação do novo regime, compondo aquilo que se habituou chamar de "República dos Bacharéis". (Azevedo, 1996) Por estar inserido em uma relação de poder, aqui e acolá Sales manteve alguma aliança com as elites oligárquicas que direcionaram os processos políticos e institucionais,

a fim de também participar das decisões e dos debates da época - fato que o memorialista Leonardo Mota lamentou profundamente. Por fim, ao tornar-se homem público, e sobretudo por estar inserido em uma teia de sociabilidades fincada nas atividades letradas e de difusão cultural, Antônio Sales empenhou-se por tornar a leitura da Padaria Espiritual aceitável nos círculos de leitores que debatiam os rumos da sociedade brasileira e dos processos políticos em voga.

O período desta intensa publicidade da leitura dos padeiros deu-se sobretudo durante a segunda fase do grupo. Naquele momento, com a admissão de antigos colabores da revista *A Quinzena*, como Rodolfo Teófilo e Antônio Bezerra, aquela experiência de 1887 da qual Sales havia modestamente participado, seria de certa forma retomada pelas atividades de *O Pão*. Ao invés de defender o alinhamento do Ceará à civilização industrial européia - postura do Clube Literário -, a Padaria fez o movimento contrário: preocupou-se antes em tornar cosmopolita sua realidade regional. Naquilo que Alfredo Bosi denominou de “regionalismo como programa, [pois] nem tudo teria virado belle époque no Brasil” na virada do século XIX para o XX.

A campanha publicitária de Antônio Sales pode ser percebida já na primeira fase de *O Pão*. Em 1892, após redigir e publicar em folheto o “Programma de Instalação da Padaria Espiritual”, o “primeiro-forneiro” (secretário) “Moacir Jurema” passou a enviá-lo a boa parte dos inte-

lectuais mais conhecidos na Capital Federal e nas principais cidades do Brasil, dentre eles Afonso Celso, Aluísio Azevedo, Augusto de Lima, Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, Coelho Neto e tantos outros. Como era de praxe, ao receberem a correspondência do “inusitado amigo do Norte”, os autores que tinham destaque na arena nacional respondiam ao Sr. Sales agradecendo a gentileza do colega de letras. O Nº 01 de *O Pão*, por exemplo, mostra que essa prática do idealizador da Padaria era realizada já na “fase mais barulhenta” do grupo. Após receber a correspondência do conterrâneo cearense, Clóvis Beviláqua, jurista alencarino de prestígio nacional, retribuiu o reconhecimento de Sales, que em seguida publicou em *O Pão* a carta de agradecimento e os votos de admiração que Beviláqua direcionou ao grupo.

Clóvis Beviláqua teve a gentileza de dirigir-nos a seguinte carta:

Cidadão Moacyr Jurema

Agradeço-lhe cordialmente a remessa dos estatutos da Padaria Espiritual e afirmo-lhe que estou prompto a concorrer para o desenvolvimento dessa inteligente associação, cujo nascimento anuncia as phosphorescencias de um espirito fino e causticante.

Brevemente farei a remessa das obras e folhetos que tenho publicado.

Do P. e amigo
Clóvis Beviláqua

O “P” era de “padeiro”. Pois, como de costume, Sales havia nomeado Clóvis Beviláqua como sócio honorário e correspondente, conforme o próprio “Moacir Jurema” redigira no programa da agremiação.³⁰ Esta prática amigável foi tornando-se habitual. Além de ser uma forma de estreitar os laços de afeto entre os padeiros e os intelectuais atuantes na Capital Federal, pode ainda ser interpretada como a tentativa de tornar pouco a pouco aceita a leitura da agremiação cearense junto aos interlocutores que também debatiam aquele período de adaptação à nova ordem política.

Esta nota publicada em *O Pão* N° 09, que poderia ter deixado em segundo plano a Semana de Arte de 1922, proibindo “o uso de palavras estranhas à língua vernácula”, conforme apontou o artigo N° 14 do seu “Programa de Instalação”, mostra a preocupação da Padaria em admitir sócios correspondentes como mecanismo de cobrança para aderirem à proposta do grupo:

Prevenimos aos nossos consocios nos Estados que, segundo os nossos estatutos, é vedado aos Padeiros empregar nos seus escriptos palavras extranhas á lingua vernacula, e desde já pedimos autorisação a todos para substituir por vocábulo portuguez qualquer vocabulo estrangeiro que porventura encontremos nas producções que nos mandem.

Precisamos afirmar definitivamente este ponto: a lingua portugueza não precisa de favores de nenhuma outra.³¹

O objetivo de Antônio Sales em filiar sócios correspondentes atuantes no cenário nacional apresentou-se como um recurso político dentro das relações intelectuais. O fato de os padeiros estarem fora do circuito principal, onde se davam os debates na época, a relação de força que favorecia o eixo Centro-Sul tornaria impossível a repercussão da leitura da agremiação naquelas paragens literárias. Pois, segundo Sales, aquela agremiação, formada por intelectuais cearenses, precisava ser reconhecida pelos escritores do eixo, para que sua leitura ou discurso tivessem aceitação mais fácil no cenário intelectual brasileiro.

Além das personalidades ligadas à literatura, tanto a imprensa carioca quanto a de outras cidades receberam correspondências emitidas pelo sócio “Moacir Jurema”. Na primeira fase da Padaria, ele enviara para alguns jornais como *A Província do Recife*, *Jornal do Brasil* e o *Jornal do Comércio* o programa do grêmio, publicado nas linhas editoriais deste último órgão.

Sales queria fazer a publicidade da agremiação cearense não só nos debates literários, mas nos jornais de modo geral, já que os leitores desses órgãos procuravam ficar a par dos assuntos cotidianos e literários, da política às poesias e futuros romances em forma de folhetins. A Padaria Espiritual tornou-se assim conhecida entre os diversos segmentos letrados, intelectuais ou não, da sociedade brasileira na década de 1890. Aos olhos de Antônio Sales, a leitura dos padeiros estaria participando dos debates nacionais. Válido

salientar que neste final de século, no circuito letrado local, nem mesmo a produção científica da Academia Cearense possuiu tanta repercussão, segundo esse trecho:

O Pão continuava a ter o mais lisonjeiro acolhimento por parte da imprensa do país. Em termos honrosos se referem a elle “O Paiz”, a “Gazeta de Noticias”, da Capital Federal; a “Renascença” da Bahia; a “Pacotilha” do Maranhão; “O Correio Mercantil” de Maceió; “O Estado”, do Rio G. do Norte, o “Diario do Maranhão” e o “Minas Gerais”. O primeiro dos dois ultimos, além de uma boa noticia, publica uma carta que lhe dirigiu o nosso distincto consocio J. F. Gromwell a respeito d’O Pão. O segundo nos faz honrosissimo acolhimento e transcreve uma das nossas “Medalhas” e a noticia que demos sobre a “Revista da Faculdade Livre de Direito” de Minas Geraes. Artur Azevedo tambem nas suas espirituosas “Palestras”, d’ “O Paiz”, nos fez lisonjeiras referencias, que muito nos penhoraram.³²

Os textos dos padeiros, juntamente com suas representações da experiência social, romperiam com o exclusivismo das leituras sobre o Brasil produzidas no ambiente da Capital Federal, bem como ressoaram por outros círculos letrados regionais. E em suas leituras, sobressaíram os modos de vida nos sertões cearenses, das festas populares, folguedos e tradições ancestrais. Em boa medida, seria uma tentativa de romper com o tipo de literatura que vinha sendo produzida pelos escritores e órgãos literários da Capital Federal, anun-

ciadores da *belle époque* e dos anseios civilizatórios, como Olavo Bilac e boa parte dos intelectuais freqüentadores da badalada Confeitaria Colombo.

Na segunda fase da Padaria, o fato de Antônio Sales e os padeiros estarem aspirando à maior repercussão de suas obras no circuito literário nacional tem a ver também com os seguintes fatores: primeiro, o trânsito dos sócios da Padaria no Rio, como Waldemiro Cavalcante, Tibúrcio de Freitas, Adolfo Caminha (ex-padeiro e adversário do grupo), Cabral de Alencar, dentre outros. Segundo, a defesa das particularidades regionais, em que a Padaria reagiu às leituras generalizantes daqueles intelectuais da Capital Federal sobre o Brasil. Esse debate pode ser identificado na desconstrução do argumento do Barão de Capanema e do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro por Rodolfo Teófilo nos N^{os} 10, 11 e 12 de *O Pão*.

Quais razões ajudariam a compreender a atitude publicitária de Antônio Sales? Pode-se observar, primeiramente, a posição que a cidade do Rio exerceu sobre as demais províncias. Palco das decisões e agitações políticas, o Rio de Janeiro havia se tornado sede do vice-reino do Brasil, corte imperial e capital da república, além do núcleo administrativo dos recursos públicos para o qual voltavam-se as atenções do país. A partir de 1808, com a vinda da família real, o Rio passou a ser também pólo do saber e da atividade letrada, onde funcionavam as faculdades de

Direito, Engenharia, Ciências Naturais e Humanas, seguido apenas por São Paulo, Salvador e Recife.

Durante a implantação da república, a então Capital Federal tornou-se atrativo para muitos homens de letras do país, que viam nos jornais da imprensa nacional ou nas atividades da literatura uma forma de angariar prestígio público maior. Alguns intelectuais cearenses como José de Alencar, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, o ex-padeiro Adolfo Caminha e o próprio Sales chegaram a residir no Rio, por conta dessa relação de forças entre as cidades brasileiras e a possibilidade de melhores condições de vida aos letrados.

Outra razão preocupante a Sales e aos padeiros pode ter partido das produções literárias diletantes incorporadoras da *belle époque* ou dos modismos dos centros industriais europeus, que à época circulavam pelos pasquins, livros e jornais da imprensa carioca. (Oliveira, 1990) Fascinados com o discurso da “ordem e progresso”, alguns escritores e jornalistas da Capital aclimataram as diferenças regionais do Brasil à estética que visava inseri-lo no cosmopolitismo europeizante, marcado pela realidade capitalista dos centros industriais, sobretudo França e Inglaterra.

É o próprio Sales que se viu combatendo vorazmente tal literatura diletante no Rio, sobretudo quando alguns escritores procuravam adequar a sua produção e os problemas brasileiros às “modas literárias de fin-de-siècle”:

Nos tempos que correm, assolados de pessimismo e de crua positividade, um livro como as “Caricias” - tão azul e tão suave - é um mimo inapreciável. Lê-lo, é passar algumas horas de emoções dulcíssimas, é repousar o espirito das bruscas e enervantes sensações que nos proporciona a leitura dos doentios productos do espirito moderno, tão propenso a desnudar miserias, a apresentar a vida pela sua face mais triste e desconsoladora. Maeterlink, Rollinat, Strindberg, Nordan, Tolstoi e tantos outros allucinados apostaram-se para fazer da Penna uma arma de destruição e de terror. E o tédio e a desesperança são as notas dominantes das produções de hoje. Alguns abrigam-se a um misticismo bisarro e refalsado, a esbravejar preces emquanto baixinho cochicham imprecações, como Verlaine, na sua vesga compunção de quem procura crer á viva força. É este o espetáculo que nos offerece a intellectualidade européa, que nós começamos a macaquear como si estivessemos nas mesmas desgraçadas condições psychologicas e sociaes a que chegaram povos gastos pelo attrito de tantos annos de civilização crescente e devoradora. Não há duvida que a molestia do seculo começa a minar a intellectualidade brasileira, molestia que não appareceu espontaneamente, mas que importámos mui simplesmente como si se tractasse de um objecto de moda.³³

Na coluna “Bibliographia”, seção destinada ao balanço das últimas publicações lidas pelo grupo, o ataque às manifestações literárias estrangeiras foi incisivo, sobretudo

às correntes finisseculares como o simbolismo e o decadismo, que pregavam a indiferença com o presente na busca de um refúgio subjetivo, distante da realidade cotidiana da civilização industrial. Ao fazer comentários sobre o livro *Carícias* de Garcia Redondo, Antônio Sales não poupou tais tendências, já que a preocupação do padeiro era pensar a realidade brasileira, e não aquela ressaca com a modernidade. Na verdade, tanto a Padaria quanto as literaturas pessimistas de algum modo foram, no campo das idéias, contra o modo de vida burguês³⁴ da era industrial, pois ambas possuíam vias diferentes para questionar a compulsão frenética pelo sistema capitalista-civilizador.

Para os padeiros, impedir o avanço daquela ordem começava na preservação da linguagem popular, dos costumes tradicionais, da experiência social e dos modos de vida no sertão. Em boa medida o grêmio já demonstrava isso, seja nos pseudônimos dos seus sócios ou nas pilhérias contra a sociedade capitalista.

Contudo, o desencanto com aqueles tempos já era anunciado no próprio *O Pão*. Lopes Filho, Lívio Barreto e Cabral de Alencar foram padeiros que, desde a primeira publicação do periódico, já denunciavam no langor de suas narrativas a morte dos costumes tradicionais e do homem natural, definidos com o avanço da ordem capitalista no espaço social cearense.



A segunda fase da Padaria Espiritual (1894-1898), numa visualização onde contrastam a idéia de uma boemia em volta da mesa e a austeridade intelectual. Da esquerda para a direita, os sentados: José Carvalho, Almeida Braga, Valdemiro Cavalcante, Antônio Sales, José Carlos Júnior e o noviço Roberto de Alencar. Em pé: Artur Teófilo, Sabino Batista, José Nava, Rodolfo Teófilo, Lopes Filho, Ulisses Bezerra e Antônio de Castro.

NEPHELIBATAS, DECADISTAS E MALDITOS NA LITERATURA MENOR DO CEARÁ

A *Revista do Instituto do Ceará*, de 1924, publicou uma carta do Dr. Júlio César da Fonseca Filho ao antigo padeiro Antônio Sales, residente na então Capital Federal. Carregada de uma atmosfera triste e pessimista, a carta respondia uma outra em que Sales fez alusão à proclamação da república no Ceará, aos 16 de novembro de 1889, no Passeio Público. A narrativa do texto expressa uma profunda mágoa, pois, segundo o próprio Júlio César:

como um raio, que era de indignação, retirei-me para minha humilde casa e, lá chegando, apoderou-se de mim uma tristeza tal que ainda hoje a experimento, qual si ella estivesse agarrada ao meu ser como um perene cingidouro mortificante.

(...) com a alma immensamente torturada por ver assim compreendido o ideal da minha mocidade, por que tanto e tão renhidamente batalhára na imprensa e na tribuna.³⁵

Nem todos os intelectuais que participaram das campanhas em nome das mudanças políticas e institucionais, entre as décadas de 1870 e 1880, regozijaram-se com a implantação do regime republicano no Brasil. Alguns literatos

cearenses chegaram a abandonar a terra natal, desiludidos com o resultado da nova ordem política. Adolfo Caminha, Justiniano de Serpa, Cabral de Alencar e o próprio Antônio Sales ilustraram essa realidade na República Velha.

Houve aqueles, porém, que se abrigaram na tumba dos sonhos e rumaram em busca do *Paradise Lost* [paraíso perdido], buscando arrefecer as ilusões de realização material, a restar-lhes o sabor fugidio da graça inconcebível, do desejo enlanguescido, o éden perdido. Em lamento profundo, ocultaram-se em seus universos recônditos, já que o mundo em volta apresentava uma realidade amarga. Apenas na experiência subjetiva poderiam gozar a plenitude da realização. No campo artístico, sobretudo literário, registrou-se a desilusão e a fuga na irracionalidade. Na obra do decadentismo cearense, percebe-se a evocação de um espaço atemporal como subterfúgio, distanciamento da racionalidade imposta aos homens daqueles tempos por seus mecanismos de controle político e social. A lembrar que a república, recém-implantada, fez uso violento das instituições repressoras como o aparelho policial, os códigos de postura e comportamentos higienistas, a fim de garantir a legalidade da razão social e dos interesses hegemônicos que representava aquele regime. E, através das classes urbanas emergentes adeptas do novo governo, a imposição das tecnologias punitivas de correção e ajustamento da população ao trabalho disciplinado foi característica dos conflitos de classes do período. (Cardoso, 2002)

Lopes Filho, Lívio Barreto e Cabral de Alencar podem ser considerados escritores malditos por negarem esse investimento de ajuste à normalidade e controle social. Em seus textos, eles pretenderam não ser capturados pelo discurso oficial e científico do poder instituído. Protagonistas de uma “literatura menor” - aquela que produz modificação na língua por um coeficiente de desterritorialização e por suas ações no conteúdo narrativo estarem diretamente ligadas ao campo político (Deleuze e Guattari, 1997, p. 25-42) -, esses escritores romperam com a linguagem científica e com os anseios de progresso e modernidade, professos pelos rumores da ordem industrial-civilizatória.

Simpáticos à escola de Baudelaire, Verlaine, Antero de Quental e Antônio Nobre, dentre outros, os padeiros “nephelibatas”³⁶ beberam da ânfora dos *Poëts Maudits* [poetas malditos], as tendências finisseculares como o decadentismo e o simbolismo franceses.³⁷ Estilos dionisíacos, herdeiros do barroco e sobretudo do romantismo, deram-se por rebelar contra as estratégias de controle simbólico, como a crença ortodoxa na ciência, no progresso técnico-industrial e na democracia liberal.

O pessimismo desses padeiros primou pela evasão das questões mundanas e explorou o campo da experiência que fugisse daquela realidade cotidiana.

Argonauta, onde está teu ideal thesouro,
A nova Colchida - esse encantado Paiz,
Onde teu genio vai numa galera de ouro
Tendo por mareantes Colombos juvenis?

Ilha de ouro e coral, de passaros contentes,
Onde cantam mil ninphas em festivo côro.
E ao luar rios gemem ais cavos e dolentes
Beijando a escada branca a algum castello mouro.

Terra que vejo em sonho desde creancinha,
P'ra onde ala-se-me o pensamento - essa andorinha
Q'ando buscando eternamente a primavera.

Terra do ideal, oh! Meu Novo-Mundo sonhado!
Abre-me o seio, ouve ao ente desesperado
Ao doido, ao sonhador, ao filho da Chimera.³⁸

Da autoria de Lopes Filho, “Anatólio Gerval”, o soneto “Musa Nephelibata” foi dedicado ao padeiro Antônio Sales e publicado no N° 03 de *O Pão*, em 06/11/1892. Este texto é bastante elucidativo para compreender um grupo distinto que brotou no seio da Padaria Espiritual. Alusão a uma terra ideal, lugar de plenitude onde o sonho ou os desejos pudessem ser realizados, condiz com a necessidade de fuga daquele meio social sobre o qual eram feitas inúmeras formas de controle, dentre elas os horários de trabalho, os comportamentos nas vias públicas, a higiene, o asseio e, sobretudo, a obediência à nova ordem republicana.

Por mais que a narrativa procurasse fugir das questões cotidianas, sua postura está ancorada nas relações sociais em que qualquer escritor esteve inserido. Lopes Filho, juntamente com Antônio Sales e outros, fundou o Centro Republicano nos primórdios de 1889. Participando do emergente movimento no Ceará, sua narrativa “nefelibata” fazia parte da sua experiência social. De vida modesta, o funcionário da alfândega e autor de *Phantos* (fantasia) - que por um lapso da historiografia literária nacional não inaugurou o simbolismo no Brasil, sendo o primeiro livro desta corrente aqui lançado (Azevedo, 1996, p. 161) -, o autor participou energicamente da campanha republicana, juntamente com os Novos do Ceará, até o momento em que os “raposas velhas”, entre 1891 e 1892, viessem tomar a frente com a fundação do Partido Republicano Federalista, liderado por Nogueira Accioly e sua facção.

Como tantos poetas que souberam viver a boemia literária em Fortaleza na virada de século, Lopes Filho não mais se iludiu com aquilo que já se observava sendo preclaro e definitivo: a manutenção dos grupos oligárquicos no poder, coronéis do sertão, ricos comerciantes e as classes urbanas emergentes. Ao contrário dos muitos da velha Mocidade que aderiram aos interesses das elites dominantes, ele preferiu deixar que a sua fantasia, o seu ideal caminhasse para além, atingisse a plenitude nas regiões abismais do universo imaginário, encontrando na evasão a forma de não ver o ideal de sua geração sentenciado por quem dava as cartas definitivas no jogo político.

Lívio Barreto, o “Lucas Bizarro”, possui dentre os padeiros nefelibatas uma história singular. Filho de pequenos agricultores, nasceu no município de Granja, interior do Ceará. No começo da década de 1890, exerceu na capital cearense a profissão de caixeiro, e desde cedo empenhou-se na vida letrada, participando das rodas literárias, saraus e circuitos da boemia literária fortalezense. Autor do livro póstumo *Dolentes*,³⁹ tem a sua obra permeada por uma narrativa melancólica, pessimista e triste. Indubitavelmente, foi quem mais bebeu da misantropia finissecular dentre os padeiros, influenciado pelo *Só* de Antônio Nobre.

Parece ter sido Lívio Barreto o padeiro mais frustrado por não ver realizados os ideais da sua geração. Mesmo não participando do Centro Republicano, ele era ressentido e inconsolado diante das tensões sociais daqueles tempos. Ao desprezar tudo o que havia à sua volta, o poeta procurou seu refúgio nas brumas do esquecimento, na saudade, nas trevas do seu inconsciente, nos recônditos da subjetividade, onde poderia experimentar o seu mais puro e íntimo desejo:

Nem vale a pena contar
O meu profundo penar!

Viver de ave que doideja
Preza dentro de uma igreja.

Pois, imagina, senhora,
Que eu prefiro a noite á aurora.

Mais: - prefiro ás noites bellas
Com seu rosario de estrellas

As longas noites trevosas
Profundas, silenciosas.

E nem te cause piedade
A minha agreste verdade!

.....
prefiro a treva sem fim
pois tenho-te junto a mim.

.....
Pois se da desgraça o açoite
Devo a luz que me alumia,

Por ti eu morro de dia
E ressuscito de noite.⁴⁰

Como discorreu posteriormente o seu amigo de letras Antônio Sales no livro de memórias *Novos retratos e lembranças*: “Lívio era de uma sensibilidade requintada (...) seu reino não era deste mundo, de competições argentárias.” (Sales, 1995, p. 127) O laudo clínico de sua morte, por exemplo, foi definitivamente inacreditável, pois o termo de óbito acusava “congestão cerebral”. Teria Lívio Barreto, num ato involuntário, fugido naquele momento da angústia extrema que este mundo lhe causou?

Sumir, esvair-se sob forma de éter, desprender-se como um sonho crepuscular... Libertar-se das amarras da existência, daquele campo de tensões da vida cotidiana, marcada por sangrentas lutas políticas promovidas pelas facções partidárias, não

ser capturado pelos mecanismos de controle social da disciplina-
rização sobre o corpo e a mente... essa pareceu ser a vontade dos
que fizeram naquele momento a literatura menor no Ceará.

No conto “A Nevrose de Cláudio”, de Cabral de Alencar, publicado em *O Pão* (Nº 07, 01/01/1895) - que bem poderia ser inspirado no simbolista Joris-Karl Huysmans -, o estado de morbidez psicológica de uma personagem torna-se o refúgio mais ditoso das tensões cotidianas, quando clinicamente ele poderia ser dado como louco. É válido lembrar que, neste momento histórico, a clínica psiquiátrica primava por estender os seus domínios na tentativa de controlar os corpos e as mentes nos centros urbanos ocidentais. Cabe destacar que a sociedade capitalista muito se preocupou com os comportamentos ditos “desviantes”, comprometedores da moral do trabalho e do tempo hábil de produção, pois grande foi o investimento dos saberes disciplinadores (médicos, sanitaristas, psiquiátricos) sobre os hábitos das classes sociais.

Seu riso, riso galvanizado numa expressão voltaireana, d’uma dolencia quente e desoladora de aragem tropical nevrotico, scintilante como um brandir de um punhal, desenhando sobre a cor de seus labios coleras e sarcasmos, envolvendo-se subtilmente como uma quintessencia de tormento, traduzia ironicamente a luta do seu ser contra a natureza e contra a humanidade, deixava entrever a sua sombria existencia, illuminada pela aurora boreal de um amor que ia melodiosamente morrendo como um canto de cysne.

(...) Incompreendido, elle vivia fora da vida universal, isolado no meio das turbas, torturado e mystificado em luta contra a natureza e contra a humanidade; as caricias das cousas exteriores não eram para elle mais do que hostilidades mascaradas e carinhos trahidores, punhaladas atiradas entre festões de rosas. Repellia-as todas, menos o olhar da mulher amada; apesar de julgal-o uma luminosa mentira...⁴¹

Nas narrativas de Cabral, o corpo sempre apareceu sofrendo um processo de inquietação psicológica. Contudo, diferentemente de Lopes Filho e Lívio Barreto, o seu nirvana (gozo pleno e absoluto) ganharia aos poucos forma material, podendo ser experimentado na vida cotidiana. Para o “Abdhul Assur” da Padaria Espiritual, a necessidade de realização não poderia esperar a morte ou o devaneio saudosista, mesmo que suas personagens estivessem marginalizadas da sociedade normalizada. O aspecto mórbido dos seus textos em boa medida denunciara as práticas corretivas que o saber psiquiátrico investiu em Fortaleza, como a construção do Asilo de Alienados S. Vicente de Paulo, em 1886, e a introdução do Código de Postura de 1893.

No conto “A Lucia”, Cabral lança mão dos territórios da “desrazão” e investe numa atmosfera de luxúria e erotismo. Pelos oceanos quiméricos do simbolismo - refúgio derradeiro das desilusões nos tempos modernos -, a experimentação intensa de um amor sombrio fez que o autor encontrasse a sua realização na mulher-maldita, a imagem lilitiana do feminino, inaugurada na literatura ocidental pelo Marquês de Sade, com a forma da musa pagã, Salomé no *fin-de-siècle*. (Praz, 1996, p. 179-264)

Ao ver-te, a minha Phantasia, fluctuando sobre um ether de sonhos, vae adormecer no arminho d’essas tuas formas pagãs, esplendidos symbolos da Belleza ambicionada pela minha idealidade artistica.⁴²

Esta leitura do corpo feminino foi característica da escola decadentista, a denunciar as formas de controle sobre o corpo, conforme aspirava a racionalidade técnico-científica. A mulher lasciva, infernal, a prostituta que invadia as ruas das cidades e ameaçava a normalidade social, foi bastante freqüente nas obras poéticas de mestres simbolistas como Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, presentes também nas telas de mestres da pintura como Gustav Klimt, Aubrey Beardsley, Jean Delville, e outros autores, naquela época de “anarquia moral”, como reação à disciplina nas relações capitalistas de produção. (Oehler, 1997 e 1999; Schorske, 1988; Weber, 1988)

Os rumores deste pessimismo na literatura não deixaram de ressonar nos circuitos literários de Fortaleza, na virada do século XIX para o XX. Essa postura pode ser lida como comportamentos individuais rebeldes às formas de controle social, material ou simbólico, ocorridas com o ajustamento da economia cearense ao capitalismo industrial europeu. Pois, como foi dito anteriormente, nem tudo no Brasil, e em boa parte do mundo ocidental, era *belle époque*, pois nem a ciência, o republicanismo tupiniquim ou os anseios civilizatórios e industriais foram pressupostos totalmente aceitos nas diferentes realidades sociais daqueles tempos.

IMPrensa E Cotidiano Em Fortaleza

A atividade de imprensa em Fortaleza foi bem diversificada. Positivistas, maçons, cientificistas, republicanos “de última hora”, intelectuais orgânicos e poetas boêmios, dentre outros, estiveram empenhados nos debates cotidianos sobre as mais variadas formas de governo e projetos sociais que deveriam organizar a experiência da vida em sociedade naquela época. Desta forma, deve-se entender que entre o final do século XIX e início do século XX, o Brasil estava passando por marcantes transformações na sua configuração política e econômica, dentre as quais a transição da monarquia para a república e, simultaneamente, a inserção da economia nacional nas relações comerciais com as potências do capitalismo industrial. Todos estes acontecimentos inspiraram os intelectuais do período a terem atitude engajada frente às transformações do país; parafraseando o historiador Nicolau Sevcenko, eles entenderam a “literatura como missão”.

Entre os inúmeros jornais e periódicos da época, *O Pão* procurou levar aos seus leitores locais e nacionais a imagem das diversas experiências socioculturais existentes,

a princípio, no Ceará. Era nas festas populares, folguedos e modos de vida dos sujeitos comuns que boa parte dos sócios da Padaria Espiritual acreditava estar a verdadeira “alma nacional”. E por isso talvez tenha feito adversários em outros espaços letrados, como o Centro Literário, que possuía republicanos fervorosos e alguns intelectuais da geração de 1870 (a Mocidade Cearense), defensores do cientificismo e do positivismo. Contudo, entre os próprios padeiros havia leituras diversas sobre os acontecimentos daquele período, como os defensores da disciplina nos espaços urbanos, a exemplo de Álvaro Martins, e os pessimistas com a ordem capitalista-civilizatória, no caso de Lopes Filho, Lívio Barreto e Cabral de Alencar.

Padeiros espirituais ou intelectuais regeneradores, o que se percebeu na verdade foi a tentativa destes sujeitos históricos de participar dos debates políticos e institucionais brasileiros. Mesmo estando distantes da arena ou do centro das discussões naquele momento, o eixo Rio-São Paulo, os intelectuais cearenses não se omitiram da realidade, como pode ser visto no gesto publicitário de Antônio Sales em difundir a literatura regional do seu grupo literário. Foi neste gesto que o autor de *Trovas do Norte* e *Aves de arrição* deixou a entender o que seria participação democrática nas decisões públicas e administrativas.

NOTAS

- ¹ Respectivamente os padeiros José Carlos Júnior, Álvaro Martins, Lívio Barreto, Antônio Sales, Antônio Bezerra e Rodolfo Teófilo.
- ² Na historiografia literária cearense foi narrado que na antiga Vila de Fortaleza de N. S. da Assunção, “por volta de 1815, floresceu uma plêiade de poetas em torno do Governador Mel. Sampaio (...) os chamados Oiteiros, não exatamente um grêmio, mas reuniões literárias, onde Costa Barros, Pacheco Espinosa, Castro e Silva e outros recitavam poemas de louvor ao Governo, seguindo um dos preceitos da poesia neo-clássica”. O primeiro grêmio literário do Ceará, porém, surgiu em 1870, fundado por Rocha Lima, aluno do Liceu do Ceará, com o nome de Fênix Estudantal. (Azevedo, 1994)
- ³ *Fraternidade. Órgão da Aug.: Loj.: Frat.: Cearense*, Fortaleza, anno 1, n. 01, 04 nov. 1873, p. 01.
- ⁴ Foi na Escola do Recife que tiveram início as campanhas da intelectualidade brasileira em prol do progresso e da civilização industrial, também conhecida como a Geração de 1870, tendo à frente Sílvio Romero e Tobias Barreto. Ver Schwarcz (1993) e Ventura (1991).
- ⁵ *A Mulher Cearense. A Quinzena - Revista do Club Litterário*, Fortaleza, anno 1, n. 02, 30 jan. 1887, p. 02.
- ⁶ Fundadores da Academia Cearense: Thomaz Pompeu Filho, Pedro de Queirós, Valdimiro Cavalcante, Raimundo Arruda, Álvaro Mendes, Farias Brito, Antonio Augusto de Vasconcelos, Guilherme Studart, José Carlos Júnior, Virgílio Augusto de Moraes, J. Fontenele,

José Barcelos, Antônio Bezerra, Francisco Alves Lima, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Sidou, Antonio Fontenele, Antonio Teodorico Filho, Álvaro de Alencar, Pe. Valdevino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa.

Os sócios do Centro Literário: Juvenal Galeno, Viana de Carvalho, Temístocles Machado, Pápi Júnior, Álvaro Martins, Luiz Agassiz, Pedro Moniz, Alves Lima, Otacílio Oliveira, Ulisses Sarmiento, Bonfim Sobrinho, Alfredo Severo, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Frota Pessoa, Alcides Mendes, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, José Olímpio, Francisco Barreto, João Barreto, Tancredo de Melo, Eduardo Sabóia, Bruno Sabóia, Almeida Braga, Belfort Teixeira, Justiniano de Serpa, Antônio Bezerra, Martinho Rodrigues, José Martins, Francisco Carneiro, Joaquim Carneiro, Rodrigues Carvalho, Guilherme Studart, Fernando Weyne, Aníbal Teófilo, Marcolino Fagundes, Matos Guerra, Francisco Matos, Fiúza de Pontes, João Lopes, Pedro Fabricio, Soares Bulcão, Antônio Ivo, Francisco Silvério, Júlio Olímpio, Eutíquio Galvão, Manfredo Fernandes e Freire Jucá. Fonte: Barreira (1938, p. 179, 226-229).

⁷ Segundo Auguste Comte, o positivismo deveria ter um papel regenerador na sociedade. No terceiro capítulo do seu *Discurso sobre o conjunto do Positivismo* (1830?), ele deixa claro o papel da “coalizão entre os filósofos e os proletários”, em que os primeiros deverão orientar as ações e a vida social dos segundos. A sociocracia, portanto, parece ser aquela hierarquia na estrutura social em que os sábios (homens de conhecimento prático) conduziram toda a humanidade ao estágio último da civilização, segundo os positivistas - o progresso. Há de ser lembrado que a obra de Comte está inserida em um tempo histórico, marcado pelas agitações políticas e sociais na França. E, por sua vez, os princípios positivistas legitimaram a ação autoritária de saberes técnico-científicos (urbanistas, médicos, industriais, políticos, bacharelescos), através

de inúmeras tecnologias de controle social no Ocidente, do século XIX aos dias atuais. Ver Comte (1991) e Vitta (1965).

- ⁸ BEZERRA, Antônio. Iracema. *Iracema - Revista do Centro Literário*, Fortaleza, anno 01, n. 01, 02 abr. 1895, p. 01-02.
- ⁹ Nos primeiros anos do período republicano, adeptos de uma postura paramilitar defendiam a consolidação deste regime às custas de violência física, ameaças frente seus adversários e discípulos inflamados. Eles ficaram conhecidos como jacobinos, pois diziam ser tão fiéis à instituição republicana quanto aquela facção emblemática do período revolucionário na França entre 1789 e 1793, que abusou da violência e de posturas políticas radicais. Boa parte dos jacobinos brasileiros seguia Floriano Peixoto, o marechal de ferro, e estudava na Escola Militar da Praia Vermelha (Rio de Janeiro). Ver Castro (1995).
- ¹⁰ CASTRO, Xavier de. Bocca de Forno. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 11, 01 mar. 1895, p. 01.
- ¹¹ CAMINHA, Adolfo. Sabbatina. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 05, 24 dez. 1892, p. 03.
- ¹² CARLOS JÚNIOR, José. Carta à Padaria. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 11, 01 mar. 1895, p. 04.
- ¹³ SALES, Antônio. A rampa. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 01, 10 jul. 1892, p. 05.
- ¹⁴ MARTINS, Álvaro. Livra! *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 02, 17 jul. 1892, p. 04.
- ¹⁵ Para maior compreensão das duas gerações de letrados cearenses, suas respectivas características e disputas internas, ver Sales (1897).
- ¹⁶ CAMINHA, Adolfo. Sabbatina. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 02, 17 jul. 1892, p. 01-02.
- ¹⁷ Dentre alguns integrantes dos Novos do Ceará, tem-se notícia dos seguintes padeiros e seus respectivos municípios de origem: Antônio Sales (Paracuru); Lívio Barreto e Waldemiro Cavalcante (Granja); Adolfo Caminha (Aracati); Cabral de Alencar (Baturité);

Themístocles Machado (Limoeiro); Ulisses Bezerra (Arreiros, na Chapada dos Inhamuns). Fonte: Studart (1915)

- ¹⁸ Leonardo Mota listou em número de oitenta e cinco os gabinetes, clubes, associações e bibliotecas filantrópicas espalhadas pelas diversas localidades do Ceará. (Mota, 1995, p. 27-29)
- ¹⁹ Lívio Barreto - filho de pequenos agricultores do município de Granja (CE) - e Antônio Sales - filho de um pequeno chefe político do município de Soure (CE) - exerceram a atividade de caixeiro ao residirem em Fortaleza, dentre as diversas ocupações de outros membros da Padaria em jornais de pequeno porte, prestação de serviço nos órgãos militares, na alfândega etc. Ver Mota (1995), Sales (1979) e Montenegro (1971).
- ²⁰ Sobre a difícil carreira de escritor, mediante a qual muitos dos rapazes pertencentes à geração dos Novos do Ceará ansiaram ter prestígio na capital, Rodolfo Teófilo discorre em seu livro de memórias: "Eu tinha herdado do meu pai um nome imaculado, mas também uma grande pobreza (...) Mas, como sahir da minha obscuridade e collocar-me? Só o livro podia livrar-me do captivo. Mas como chegar ao livro, se os meus patrões entendiam que para vencer na vida não precisava saber ler?" (Teófilo, 1919, p. 68)
- ²¹ CAMINHA, Adolfo. Sabbatina. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 04, 13 nov. 1892., p. 03.
- ²² BATISTA, Sabino. Noite de festa. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 05, 24 dez. 1892, p. 05.
- ²³ "(...) na luta pelo poder de conhecimento, pelo poder por meio do conhecimento, pelo monopólio da violência simbólica legítima, ocupa cada um dos agentes que nela se acham envolvidos, quer se trate de simples particulares, condenados aos acasos da luta simbólica cotidiana, quer se trate de profissionais autorizados (aparelho policial, burocratas, fiscais, intelectuais orgânicos) - e entre eles todos os que falam ou escrevem a respeito das classes sociais e que se distinguem conforme suas classificações, envolvem mais

- ou menos o Estado, detentor do *monopólio da nomeação oficial* [grifo do autor], da boa classificação, da boa ordem”. (Bourdieu, 1998, p. 147) Ver também Foucault (1987).
- ²⁴ CAVALCANTE, Waldemiro. Os quinze dias. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 08, 15 jan. 1895, p. 01.
- ²⁵ CARLOS JÚNIOR, José. Ordem e progresso. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 14, 15 abr. 1895, p. 04.
- ²⁶ *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 07, 01 jan. 1895, p. 01.
- ²⁷ STUDART, Guilherme (Barão de). Catalogo dos jornaes de grande e pequeno formato publicados em Ceará. *Revista da Academia Cearense*, Fortaleza, n. 02, 1896.
- ²⁸ Desde muito cedo, Antônio Sales manteve certa afetividade com os espaços de sociabilidade e hábitos dos grupos emergentes de Fortaleza, como pode ser percebido neste trecho do seu livro de memórias *Novos retratos & lembranças*: “Fundou-se, no entanto, uma biblioteca no ano acima mencionado (1876) e de forma que em 1882 ela se instalava solenemente no magnífico prédio para ela especialmente construído (...). Foi um acontecimento solene a inauguração do prédio, que continha estantes repletas de livros oferecidos pelos sócios. Ao centro do edifício havia num vasto salão, várias mesas para leitura, onde as senhoras de nossa sociedade se sentavam para ler ou para palestrar enquanto esperavam os livros que haviam pedido (...). Os associados que serviam de bibliotecários, forneciam sollicitamente os livros pedidos e era um encanto aquela reunião de famílias congregadas pelo interesse intelectual. Menino metódico e já curioso de coisas intelectuais eu ia à noite para o Reform Club, contentando-me em assistir ao movimento da Biblioteca, sem ousar pedir um livro que tanto cobiçava. Mas eu não conhecia ali ninguém, os livros só se davam às famílias dos sócios.” (Sales, 1995, p. 210) Neste artigo de *O Pão*, por exemplo, pode-se visualizar o seu regozijo por ter sido convidado, juntamente

- te com outros padeiros, ao Ernani Club, em um momento de sua vida no qual ele já usufruía de certo prestígio público na capital: “Deliciosa a festa do Ernani Club realizada esta noite nos salões do Club Iracema. Gentilmente convidados pela respectiva Directoria, lá estivemos, inundando-nos de olhares tepidos e fulgurantes, ouvindo vozes cariciosas, sentindo o contacto de mãos macias como arminho, embriagando-nos emfim dos effluvios que jorram da alma da mocidade como o aroma de um botão que desabrocha...”. (Ernani Club. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 01, 10 jul. 1892, p. 08)
- ²⁹ “Na metrópole, todas as portas se abriram alvissareiramente ao Moacir Jurema, de Fortaleza, a quem as rodas intelectuais tinham curiosidade de conhecer e ouvir. À vez primeira que se aproximou de Afonso Celso, este lhe pediu, com todas as minúcias, a história da Padaria, cuja originalidade e atividade deveras impressionavam o vigoroso cronista de Oito Anos de Parlamento. Assim, pode-se dizer que, se Moacir fez a glória da Padaria Espiritual no Ceará, esta lhe facilitou os primeiros triunfos no maior centro de cultura do Brasil.” (Mota, 1995, p. 159)
- ³⁰ “Art. 38 - A Padaria terá correspondentes em todas as capitais dos países civilizados, escolhendo-se para isso literatos de primeira água”. (Apud Mota, 1995, p. 45)
- ³¹ SALES, Antônio. Lembrete. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 09, 01 dez. 1895, p. 09.
- ³² SALES, Antônio. A nossa recepção. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 10, 15 fev. 1895, p. 06.
- ³³ SALES, Antônio. Bibliographia. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 13, 15 abr. 1895, p. 05.
- ³⁴ Hábitos como a compulsão do consumo de produtos industriais, transitar por espaços de lazer como o primeiro plano do Passeio Público (destaque para a avenida Caio Prado), criar laços sociais a partir dos bens materiais adquiridos, a exemplo dos “clubes de

algibeira”, são relações típicas das classes médias e emergentes que surgiram com o advento da era industrial, ilustrando o modo de vida burguês. O pensamento de Adam Smith, que orientou as posturas econômicas do período, serviu também para conciliar a idéia de acúmulo material ao culto do indivíduo, resultando em práticas laudatórias do individualismo exacerbado com a moral fincada nos bens e propriedades possuídos. Ver Oehler (1997) e Ponte (1993).

- ³⁵ FONSECA FILHO, Júlio César da. O Ceará e a proclamação da república. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 38, 1924, p. 344.
- ³⁶ Nefelibata é originário de “Néphilis”, a deusa grega dos que vivem divagando na esfera do sonho, da fantasia e da alucinação.
- ³⁷ “O Decadentismo (...) não é uma escola mas um ‘espírito de revolta’ em que cada autor cria a sua língua e seu estilo. Ele é de fato uma atmosfera comum de desconfiança dentro da interrogação do que será este mundo que a ciência tanto promete. Ultrapassando a ‘arte em sua extrema maturidade’ de que nos fala Gautier, o Decadentismo torna-se uma nova época primitiva quando, tendo o artista renegado seus valores atuais, ele está à procura de uma nova forma (...)”. (Moretto, 1989, p. 31)
- ³⁸ LOPES FILHO. Musa nephelibata. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 1, n. 03, 06 nov. 1892, p. 06.
- ³⁹ Publicado pela Padaria Espiritual em 1897, sobretudo pela iniciativa do amigo e conterrâneo Waldemiro Cavalcante. Recém-homenageado também pela Sociedade de Belas Letras e Artes Academia da Incerteza, na Antologia *Relicarius*.
- ⁴⁰ BARRETO, Lívio. Contradição. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 19, 01 jul. 1895, p. 04.
- ⁴¹ ALENCAR, Cabral de. A Nevrose de Claudio (Notas Psychologicas). *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 07, 01 jan. 1895, p. 03.
- ⁴² ALENCAR, Cabral de. A Lucia. *O Pão... da Padaria Espiritual*, Fortaleza, anno 2, n. 14, 15 abr. 1895, p. 03.

ANEXO: INTEGRANTES DA PADARIA ESPIRITUAL

1ª Fase:

- Adolfo Caminha (Félix Guanabarro)
- Álvaro Martins (Polícarpo Estouro)
- Antônio Sales (Moacir Jurema)
- Carlos Vitor (Alcino Bandolim)
- Gastão de Castro (Inácio Mongubeira)
- Henrique Jorge (Sarasate Mirim)
- João Paiva (Marco Agrata)
- Joaquim Vitoriano (Paulo Kandalaskaia)
- José de Moura Cavalcante (Silvino Batalha)
- José dos Santos (Miguel Lince)
- José Maria Brígido (Mogar Jandira)
- Jovino Guedes (Venceslau Tupiniquim)
- Lívio Barreto (Lucas Bizarro)
- Lopes Filho (Anatólio Gerval)
- Luís Sá (Correggio del Sarto) Raimundo Teófilo de Moura (José Marbri)
- Sabino Batista (Sátiro Alegrete)
- Temístocles Machado (Túlio Guanabara)
- Tibúrcio de Freitas (Lúcio Jaguar)
- Ulisses Bezerra (Frvolino Catavento)

2ª Fase:

- (juntando-se aos da 1ª Fase, exceto Adolfo Caminha, Álvaro Martins, Temístocles Machado e Tibúrcio de Freitas)
- Antônio Bezerra (André Carnaúba)
 - Antônio de Castro (Aurélio Sanhaçu)
 - Artur Teófilo (Lopo de Mendoza)
 - Cabral de Alencar (Abdhul Assur)
 - Eduardo Sabóia (Brás Tubiba)
 - Fco. Ferreira do Vale (Flávio Boicinga)
 - José Carlos Júnior (Bruno Jaci)
 - José Carvalho (Cariri Braúna)
 - José Nava (Gil Navarra)
 - Roberto de Alencar (Benjamim Cajú)
 - Rodolfo Teófilo (Marcos Serrano)
 - Waldemiro Cavalcante (Ivan d’Azhoff)
 - Xavier de Castro (Bento Pesqueiro)

FONTES

Obras de Época e Manuscritos

- ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Ed. Três, 1973.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Luizinha / Perfil literário de José de Alencar*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras; Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. São Paulo: Ed. Três, 1973.
- KOSTER, Henri. *Viagens pelo Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- ROMERO, Sílvio. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e Apresentação de Antônio Cândido. São Paulo: EdUSP, 1979.
- SALES, Antônio. *Aves de arribação*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras; Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- _____. *Trabalhos. Manuscritos Inéditos*. Fortaleza, 1897. (Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras)
- TEÓFILO, Rodolfo. *A fome / Violação*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras; Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Livros de Memória

- AZEVEDO, Otacilio. *Fortaleza descalça*. Fortaleza: Casa de José de Alencar - UFC, 1992.
- MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. 2. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar - UFC, 1995.
- NOGUEIRA, João. *Fortaleza velha*. 2. ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1981.
- SALES, Antônio. *Novos retratos & lembranças*. Fortaleza: Casa de José de Alencar - UFC, 1995.
- TEÓFILO, Rodolfo. *Scenas & typos*. Fortaleza: Assis Bezerra, 1919.

Periódicos Científicos e Literários

- Fraternidade* (1873-1875): jornal maçônico. (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel)
- A Quinzena* (1887-1888): órgão do Clube Literário. (Ed. fac-similar)
- O Pão... da Padaria Espiritual* (1892; 1895-1896). (Ed. fac-similar)
- Iracema - Revista do Centro Litterário* (1895-1896): órgão do Centro Literário. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)
- Revista da Academia Cearense* (1895-1920). (Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras, Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Biblioteca da Academia Paulista de Letras)
- Revista do Instituto do Ceará* (1888-1924).

Jornais de Época

- Cearense. Órgão do Partido Liberal* (1877-1889). (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel)
- Pedro II. Órgão do Partido Conservador* (1880-1889). (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel)
- A Constituição* (1886-1889): órgão do "partido conservador adiantado", da facção dissidente liderada pelo rico comerciante Joaquim da Cunha Freire, o Barão de Ibiapaba (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel).
- Gazeta do Norte. Órgão Liberal* (1877-1889): órgão da facção oligárquica Pompeu Accioly. (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel)
- Libertador. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora* (1881-1889). (Edição fac-similar)
- O Norte* (1891): órgão fundado por Justiniano de Serpa e outros dissidentes do Centro Republicano Cearense (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

A República. Órgão da Sociedade Anonyma Ceará-Libertador (1892-1900): órgão de propagação do regime republicano no Ceará. (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel).

A Voz do Povo (1893): pasquim / folheto publicado em poucos números, defensor da república jacobina. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

Documentos Oficiais

Arrolamentos da População de Fortaleza em 1887. (Arquivo Público do Ceará)

Relatório do Presidente de Província do Ceará, Dr. Enéas de Araújo Torreão, ao passar a administração local ao Dr. Caio da Silva Prado em 21 de abril de 1888. (Arquivo Público do Ceará)

Cronologias e Dicionários

STUDART, Guilherme (Barão de). *Datas e factos para a história do Ceará. Em comemoração ao centenário do jornalismo cearense e da Confederação do Equador.* Fortaleza: Typographia Commercial, 1924.

_____. *Para a história do jornalismo cearense (1824 - 1924).* Fortaleza: Typographia do Instituto do Ceará, 1925.

_____. *Diccionario bio-bibliographico cearense.* Fortaleza: Typographia Minerva, 3 v., 1915.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira.* 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Brasília: Ed. UnB, 1996.

AZEVEDO, Sânzio de. *Aspectos da literatura cearense.* Fortaleza: Ed. UFC, 1982.

_____. O Ceará e os grêmios literários. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, [s. n.], 1982.

_____. *O Centro Literário (1894-1904).* Fortaleza: Casa José de Alencar - UFC, 1972.

_____. Os grêmios literários do Ceará. In: SOUZA, Simone de (Coord.). *História do Ceará.* 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

_____. *Novos ensaios de literatura cearense.* Fortaleza: Ed. UFC, [s. d.]

_____. *A Padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará.* 2. ed. Fortaleza: Casa José de Alencar - UFC, 1996.

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense.* Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário.* Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.* São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

BRESCIANI, Maria Stela. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 08/09, 1984/85.

CAMPOS, Eduardo. *Capítulos de história da Fortaleza do século XIX*. Fortaleza: Ed. UFC, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*, v. 1 e 2. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CARDOSO, Gleudson Passos. Ao centenário do Dolentes. In: ORIÁ, Reinaldo Barreto (Org.). *Relicarius. Homenagem ao poeta Lívio Barreto*. Fortaleza: Academia da Incerteza; Gráfica LCR, 2002.

_____. *As repúblicas das letras cearenses: literatura, imprensa e política (1873-1904)*. 2000. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadentismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Rio de Janeiro: LTC; Brasília: INL, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. *A formação das almas. O imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. *Pontos & bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: Iuperj, 1988.

CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do ensino no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1970.

CASTRO, Celso. *Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva / Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo / Catecismo positivista*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Ideologia liberal e a construção do Estado no Brasil. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, t. 30, 1980/81.

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: a formação do patronato político brasileiro*. 10. ed. São Paulo: Globo, 2 v., 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FUNES, Eurípedes Antonio. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2000.

GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.

_____. *A abolição no Ceará*. 4. ed. Fortaleza: Casa de Cultura Capistrano de Abreu, 1988.

_____. *Geografia estética de Fortaleza*. 3. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1997.

GRAHAN, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, [s.d.]

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 01, 1988.

HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.

_____. *A era dos impérios (1875-1914)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

_____. *Nações e nacionalismos desde 1780*. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HUYSMANS, Joris-Karl. *As avessas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *O coronelismo: uma política de compromissos*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, tradição e poder: o caso dos coronéis*. Fortaleza: Ed. UFC; São Paulo: Annablume, 1996.

LESSA, Renato. *A invenção republicana: as bases e a decadência da Primeira República brasileira*. Rio de Janeiro: Iuperj; São Paulo: Vértice, 1988.

LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, v. 2 (1877-1896). São Paulo: T. A. Queirós, 1996.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*, v. 4: o simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1984.

MONTENEGRO, Abelardo. *Os partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: Ed. UFC, 1980.

MONTENEGRO, Braga. Lívio Barreto - Centenário em 1970. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, n. 35, 1971.

MONTENEGRO, João Alfredo. *O trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992.

MORETTO, Fulvia M. L. *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Ed. USP; Perspectiva, 1989.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. *Intrépidos romeiros do Ceará: maçons cearenses no império (1870-1880)*. 1998. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal no Ceará, Fortaleza, 1998.

NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.

OEHLER, Dolf. *Quadros parisienses. A estética anti-burguesa (1830-1848)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

_____. *O Velho Mundo desce aos infernos: auto-análise da modernidade após o trauma de 1848*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e poder: o pensamento social cearense no final do século XIX*. 1998. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAIM, Antônio. *História do liberalismo brasileiro*. São Paulo: Mandarim, 1998.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; Multigraf, 1993.

_____; OLIVEIRA, Caterina Saboya de. *O pão e a cidade: cotidiano e contexto urbano da Padaria Espiritual*. Fortaleza: NUDOC - UFC, 1992.

PRAZ, Mário. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SALIBA, Elias Thomé. *Utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SCHOPENHAUER, Artur. *O mundo como vontade e representação / Crítica à filosofia kantiana*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992

SCHORSKE, Carl. *Viena fin-de-siècle: cultura e política*. São Paulo: Cia. das Letras; Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SILVA, José Borzacchiello da. O algodão na organização do espaço. In: SOUZA, Simone de (Coord.). *História do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SILVA, Marcos. *A caricata república. Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

STAROBINSKI, Jean. *Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

TELAROLLI, Rodolpho. *O poder local na República Velha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

TRINGALI, Dante. *Escolas literárias*. São Paulo: Musa Editora, 1994.

VENTURA, Roberto. *O estilo tropical: história da cultura e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

VITTA, Washington Luís. *Alberto Salles: ideólogo da república*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

WEBER, João Ernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: EdUFSC, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

O AUTOR

Gleudson Passos Cardoso nasceu em Fortaleza (CE), em 29 de janeiro de 1975. Graduiu-se em História na Universidade Federal do Ceará, no ano de 1997. Tornou-se mestre em História Social (junho de 2000) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com a dissertação *As Repúblicas das Letras Cearenses: Literatura, Imprensa e Política (1873-1904)*. Foi professor de História do Ceará, História Contemporânea e Historiografia na Universidade de Fortaleza (Unifor) e no Projeto Magister / UFC. É professor de História do Ceará, História Medieval e Prática da Pesquisa Histórica no Curso de História da UECE, onde também possui pesquisa financiada pela FUNCAP sobre as práticas letradas em Fortaleza durante a República Velha. É membro da Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da Incerteza, onde publicou obra literária e historiográfica nas antologias *Melancholia* (1999), *Relicarius* (2002) e *Fortaleza N. S. da Melancholia* (no prelo). É autor do livro *Fraya Zamargad. Sonetos de Amor e Melancolia* (1996) e de artigos sobre turismo e patrimônio cultural do Ceará. Atualmente desenvolve atividade de pesquisa histórica sobre o movimento decadentista e a literatura menor em Fortaleza (1889-1920).

COLEÇÃO OUTRAS HISTÓRIAS

A *Coleção Outras Histórias* é um projeto editorial do Museu do Ceará, iniciado em janeiro de 2001, que busca incentivar o interesse do público amplo pelo conhecimento e reflexão sobre dimensões variadas de nossa história. Movida por um senso de responsabilidade institucional em fomentar um espaço de discussão em linguagem acessível, sem prejuízo do rigor acadêmico, a coleção assume e reitera o compromisso do Museu com uma prática educativa voltada à construção do juízo crítico.

A multiplicidade de abordagens e objetos de investigação reunidos em *Outras Histórias* encontra-se, para fins de sistematização e organicidade, dividida em três núcleos temáticos: estudos de cultura material, especialmente direcionados para o acervo da instituição; pesquisas no âmbito do conhecimento histórico, ou de áreas afins, relevantes para melhor compreensão do referido acervo; publicação comentada de documentos inéditos, de modo a promover a divulgação de vestígios e testemunhos que possam servir de subsídio a trabalhos futuros. Cada proposta de publicação é avaliada por um conselho consultivo de pesquisadores e professores do ensino superior com titulação de Doutor, nomeado especialmente para tal finalidade.

Demais títulos da Coleção Outras Histórias
Coordenação: Francisco Régis Lopes Ramos

- 1- Fortaleza: Imagens da cidade
Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho
- 2- Campos de Concentração no Ceará:
Isolamento e poder na seca de 1932
Kênia Sousa Rios
- 3- Nas Trilhas da Cidade
José Borzacchiello da Silva
- 4- Do Mar ao Museu: A saga da jangada São Pedro
Berenice Abreu de Castro Neves
- 5- Xilogravura: Doze escritos na madeira
Gilmar de Carvalho
- 6- Cordel: A voz do verso
Martine Kunz
- 7- Frei Tito: Em nome da memória
Régis Lopes e Martine Kunz (org.)
- 8- Padaria Espiritual: Biscoito fino e travoso
Gleudson Passos Cardoso
- 9- Barão de Studart: Memória da distinção
Eduardo Lúcio Guilherme Amaral
- 10- Paisagens do Consumo:
Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra
Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho
- 11- Patativa: Pássaro liberto
Gilmar de Carvalho
- 12- Mar à Vista: Estudo da maritimidade em Fortaleza
Eustógio Wanderley Correia Dantas
- 13- Soares Moreno e Matias Beck: Inventário de uma polêmica
João Ernani Furtado Filho

- 14- Assim na Morte como na Vida:
Arte e sociedade no cemitério S. João Batista
Henrique Sérgio Araújo
- 15- O Mutirão: O jornal alternativo do Ceará (1977-1982)
Kátia Azevedo
- 16- Umbanda: Ceará em transe
Ismael Pordeus Jr.
- 17- Comissão das Borboletas: A ciência do Império entre o Ceará e a Corte
Maria Sylvia Porto Alegre
- 18- O Caixeiro - Rodolpho Theóphilo (edição fac-similar)
Apresentação: *Adelaide Gonçalves e Euripedes Funes*
- 19- Correspondência Cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart
Eduardo Lúcio Guilherme Amaral
- 20- Escrita Singular: Capistrano de Abreu e Madre Maria José
Virginia A. Castro Buarque
- 21- Mestres Santeiros: Retábulo do Ceará
Gilmar de Carvalho
- 22- Padre Mororó: A revolução impressa
João Alfredo de Sousa Montenegro
- 23- Arte Ceará. Mário Baratta: o líder da renovação
Estrigas
- 24- Tinta, papel e palmatória: A escola no Ceará do século XIX
Ercília Maria Braga de Olinda
- 25- Padre Cícero: mistérios da fé
Vários autores
- 26- Antônio Pápi Júnior
Caterina Maria de Saboya Oliveira
- 27- Iracema: a virgem dos lábios de mel
João Martins de Athayde

- 28- Museu Histórico do Ceará:
a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)
Cristina Rodrigues Holanda
- 29- Tramas da cultura: comunicação e tradição
Gimar de Carvalho
- 30- Violência
Rodolfo Teófilo
- 31- Entre o futuro e o passado: aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850)
Antonio Otaviano Vieira Jr.
- 32- Trem da Seca: Sertanejos, Retirantes e Operários (1877-1880)
Tyrone Apollo Pontes Cândido
- 33- Coisas do amor: Memórias de uma exposição no Museu do Ceará
Kênia Sousa Rios
- 34- As flores raras do jardim do poeta
Giselle Venâncio
- 35- Perfis sertanejos: Costumes do Ceará
José Carvalho
- 36- Os monumentos do estado do Ceará: referência histórico-descritiva
Eusébio de Sousa

Manuscritos, tinteiros, penas de metal, escrivatinhas, cigarreiras, fotos e outros velhos objetos... esses vestígios deixados no tempo parecem não ter importância utilitária para a velocidade do nosso cotidiano capitalista. Quando encontrados entre as ruínas de uma dessas casas antigas e abandonadas da nossa cidade, podem ser considerados parte do entulho. Mas, inseridos em um museu, suas referências com a história permitem àqueles que os observam vislumbrar a noção de patrimônio cultural, tornando possível a interpretação das experiências sociais ao longo do tempo. A Sala "Letras e Artes" do Museu do Ceará, por exemplo, abriga esses e outros objetos que testemunham parte maior das atividades científicas e literárias de alguns dos principais intelectuais cearenses.